



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**KRISTY HELLEN DE SOUZA SANTIAGO**

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NOS PROCESSOS DE  
LETRAMENTO**

**BRASÍLIA - DF  
2014**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**KRISTY HELLEN DE SOUZA SANTIAGO**

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NOS PROCESSOS DE  
LETRAMENTO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Emília Gonzaga de Souza.

**BRASÍLIA - DF  
2014**

KRISTY HELLEN DE SOUZA SANTIAGO

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NOS PROCESSOS DE  
LETRAMENTO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Emília Gonzaga de Souza.

**Banca examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup> Maria Emília Gonzaga de Souza  
Orientadora e examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues  
Membro titular da banca - Universidade de Brasília

---

Prof<sup>a</sup> Solange Alves de Oliveira-Mendes  
Membro titular da banca - Universidade de Brasília

*Em memória de Francisco das Chagas Santiago, meu amado avô.*

Agradeço primeira e principalmente a Deus, pelo dom da minha vida e a oportunidade de chegar aonde cheguei. Aos meus pais que me apoiaram sempre, desde o dia da prova do vestibular até nas madrugadas em que fiquei acordada fazendo trabalhos. Agradeço a compreensão dos meus familiares e amigos quando não pude estar com eles em algum momento por conta das responsabilidades que a universidade exigia.

Aos amigos fiéis de escola e aqueles que fiz nessa caminhada, que sempre estiveram ao meu lado me encorajando e auxiliando a chegar até aqui.

Aos meus professores que fizeram da minha formação um tesouro de valor inestimável. De maneira especial a minha orientadora pela dedicação, paciência e amor com que me conduziu no estágio e na produção desta monografia, você me inspira.

A todos que fizeram parte da minha história direta ou indiretamente.

Muito obrigada.

*"O professor é aquele que pega os alunos e diz: eis aí o mundo. Vejam, explorem!"*

Rubem Alves.

## RESUMO

Reconhecendo a escola como local de formação de cidadãos, conseqüentemente local de constante formação de sujeitos letrados, este trabalho procura focar em um profissional com papel essencial nessa missão, o professor, por ter relação direta com os alunos. Baseado em autores como Soares (2010) e Morales (1999) trata de um estudo de caso em que as observações foram feitas durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, culminando nas análises aqui expressas. Abordando questões como: em que medida a boa relação do professor com seus alunos contribui para o bom desenvolvimento do letramento? E tendo por objetivos específicos identificar atividades realizadas pelo professor e pela escola, identificar qual a postura do professor e os pontos positivos da afetividade, tudo isso visando os processos letramento. Com base nas análises percebe-se que uma postura flexível do professor, aberta a mudanças e inovações, reconhecendo sua postura como facilitador, e não dono do saber, compreendendo seus alunos como sujeitos, conseqüentemente tratando-os bem, considerando a boa relação professor-aluno como recurso de aprendizagem, é primordial para a formação de sujeitos letrados.

**Palavras-chave:** Sujeito. Relação professor-aluno. Letramento.

## SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO .....	11
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 - O PROFESSOR COMO GUIA NOS CAMINHOS DO LETRAMENTO ...	18
1.1- De alfabetização a letramento: um novo enfoque para a educação. ....	18
1.2- O trabalho da escola na formação de crianças letradas.....	22
1.3- A boa relação professor-aluno como contribuinte para a uma aprendizagem bem sucedida. ....	24
1.3.1- A mediação pedagógica na formação de sujeitos letrados .....	29
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA: PRIMEIRO PASSO PARA O DESVELAMENTO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	31
CAPÍTULO 3 - A SALA DE AULA COMO CENÁRIO DAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS E PALCO PRINCIPAL PARA O LETRAMENTO .....	333
3.1- A escola observada.....	33
3.1.1- O estágio obrigatório como oportunidade de pesquisa: características da turma observada.....	35
3.2- O professor alfabetizador e suas práticas diárias .....	36
3.2.1- As implicações da postura do professor em sala de aula .....	367
3.2.2- Método utilizado pela docente .....	41
3.2.3- A organização da sala de aula e sua importância para um contexto letrado.....	43
3.2.4- A rotina proposta pela professora e suas implicações na formação de sujeitos autônomos. ....	46
3.2.5- Atividades realizadas em sala de aula e suas contribuições na formação de sujeitos letrados.....	48
3.2.6- O olhar do pesquisador descrito nos diários de bordo. ....	49



CONSIDERAÇÕES FINAIS: A URGÊNCIA DO CONTEXTO LETRADO NAS ESCOLAS .....	59
REFERÊNCIAS .....	63
ANEXOS .....	66
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	70

**MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em Brasília-DF no dia 9 de abril de 1994, filha única de mãe baiana e pai cearense, vindos do Nordeste para tentar a sorte de um bom emprego. Desde que chegaram a Brasília minha mãe é empregada doméstica e meu pai pintor e bombeiro hidráulico, profissões que exercem até hoje. Por trabalharem muito, nos primeiros anos de vida recebi os cuidados dos meus avós, principalmente do meu avô, que considero como um pai. Meus pais são de origem simples, mas mesmo assim sempre optaram por me matricular em escolas particulares. Minha mãe cursou até o 2º ano do 2º grau na Bahia, não concluindo pela necessidade de trabalhar. Meu pai infelizmente não teve oportunidade de estudar também pela necessidade de trabalhar cedo. Ao chegar à cidade procurou uma escola (escola esta onde fiz estágio supervisionado, localizada na 405 Norte), porém pelo cansaço abandonou os estudos. Meu pai não sabe ler, nem escrever, conhece as letras do alfabeto, os números e assina o próprio nome. Foram inúmeras as tentativas de ensiná-lo, porém ele recusa, não quer saber, briga e demonstra não sentir necessidade de aprender. No caso do meu pai, temos um exemplo de sujeito letrado, pois vive em um mundo onde o sistema alfabético está por todas as partes, e ainda assim consegue se sair bem no círculo de amizades, no trabalho e em todas as relações sociais que participa mesmo sem codificar e decodificar, ou seja, ser alfabetizado.

Minha trajetória escolar começou cedo, aos 4 anos de idade fui matriculada no Jardim I, do qual uma das lembranças que tenho é do choro no primeiro dia de aula, abraçada com a professora por não querer ficar na escola. Aos 5 anos de idade fui para o Jardim II, onde a professora percebeu alguma facilidade em desempenhar as atividades propostas, com isso sugeriu para minha mãe que eu fizesse o Jardim II até a metade do ano, passando para o Jardim III no outro semestre, e assim aconteceu. Me "formei nos Jardins" com 6 anos de idade em uma escolinha chamada Sossego da Mamãe, localizada no Jardim Céu Azul, Valparaíso-GO.

Por fazer aniversário em abril ainda ingressei na 1ª série com 6 anos de idade, em uma escola chamada Rosa Raposa, também localizada no Céu Azul, permanecendo até a 3ª série do Ensino Fundamental. Minha alfabetização começou ainda no Jardim II, minha mãe lembra que aos 5 anos de idade eu já sabia ler, portanto cheguei alfabetizada na 1ª série. Este fato é um exemplo de que as crianças certamente chegam à escola com conhecimentos prévios, desvalidando a teoria de que a criança é uma *tábula rasa*, cabendo ao professor identificar esses conhecimentos e desenvolver o aluno a partir do que já é capaz, para chegar

ao que ainda não é capaz pela sua mediação, como nos fala Vigotski. Do 4º ao 6º ano estudei em uma escola chamada CESAN, escola esta que sempre sonhei em estudar por admirar sua estrutura física. Da 7ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino médio estudei em uma escola chamada Colégio Êxito, também localizada em Valparaíso-GO, esta foi a instituição onde fiz amigos que continuam ao meu lado até hoje. Guardo com grande admiração e carinho todos dessa escola, desde as senhoras que trabalhavam na limpeza até o coordenador. Esta foi uma escola muito especial para mim.

Ao concluir minha formação básica tive uma oportunidade de emprego, trabalhei em uma imobiliária, porém o desejo de estudar me inquietava. Expus meu desejo para minha mãe e ela me aconselhou a sair do emprego para estudar para o vestibular, assim o fiz. Estudei em casa para prestar o 2º vestibular de 2011 para Pedagogia da Universidade de Brasília. A descrença foi tamanha que na semana seguinte prestei o vestibular de uma faculdade particular, certa de que cursaria ali meu Ensino Superior. Mas os planos de Deus eram diferentes, fui aprovada no vestibular. Não esquecerei a quantidade de ligações que recebi naquele dia, todos me parabenizavam e eu morrendo de medo do que me esperava.

As descobertas começaram logo no primeiro dia de aula, pois por estudar sempre no local onde moro não tinha o hábito de utilizar o transporte público, mas tudo foi questão de tempo. Me familiarizei com a Universidade e hoje vejo quão grande foi a oportunidade que tive de estar nesse ambiente tão enriquecedor, não só na questão de conhecimentos acadêmicos, mas também em minha formação humana.

Cursei disciplinas maravilhosas, cujos professores me servem de inspiração hoje. "Perspectivas do desenvolvimento humano", com a professora Viviane, "Psicologia da Educação", com a professora Makeliny e "O educando com necessidades especiais", com o professor Eduardo, despertaram em mim uma grande vontade de fazer uma segunda graduação em Psicologia. Já matérias como "Processo de alfabetização" e "Oficina de Formação do professor-leitor" com a professora Alexandra, "Língua Materna", com a professora Vera, onde tive a oportunidade de escrever "O Diário de Davi" com minhas colegas, me fizeram ver quão gratificante é ser um professor alfabetizador, por conta disso direcionei os meus projetos para a área de alfabetização e letramento. Matérias optativas e obrigatórias que fizeram do meu currículo um verdadeiro tesouro para a minha formação.

Na prática do estágio supervisionado, tive uma noção real de tudo que vi na teoria. As dificuldades e facilidades de algumas crianças, a forma como o professor necessita buscar recursos para auxiliar a descoberta dessas crianças. O curso de pedagogia foi por mim

escolhido por admirar fortemente a mulher que me alfabetizou, a minha eterna professora Tia Arlete, pessoa que tinha tanto amor ao ensinar cuja imagem nunca se apagou da minha mente. Antes de começar a faculdade recebi a notícia que ela suicidou, os motivos não vem ao caso, mas o amor que ela tinha em ensinar refletia na paciência com as crianças, na maneira como ela nos olhava não como fardos, como a única forma que ela tinha de ganhar dinheiro, não, ela nos via como seres que poderiam transformar o mundo em algo melhor. Hoje no final da minha graduação eu ainda cultivo a vontade de marcar positivamente os meus alunos como ela me marcou.

## **MONOGRAFIA**

## **INTRODUÇÃO**

Escola segundo o dicionário Aurélio (2010) significa: "Estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo.", esta em muitos casos tem sido tratada literalmente como é descrita no dicionário, apenas como um lugar frequentado por várias pessoas, interessadas ou não, em aprenderem um "mesmo saber", saber este previamente definido. Sabe-se hoje que a escola tem papéis que vão além da apresentação para apropriação de conteúdos, sendo também uma instituição social, participante principal da formação de cidadãos, estes com suas particularidades e necessidades distintas. Por sua vez, compõem esta instituição muitas pessoas, com diferentes funções.

Neste trabalho será abordado um fazer específico: o do professor, profissional cada dia mais desvalorizado pela sociedade, exemplo disso são os baixos salários e péssimas condições de trabalho, nessa realidade os professores são desafiados a fazerem bons trabalhos e colher bons resultados de seus alunos. Professores de alfabetização convivem muitas vezes com salas superlotadas, entretanto tornam possível o ensino de qualidade, conscientes de que sua prática na sala de aula reflete diretamente no desenvolvimento de seus alunos, valorizando assim a apresentação da utilização real da linguagem, da importância da leitura e da escrita e seu uso no dia a dia.

Este estudo é resultado de observações feitas durante o estágio supervisionado, que é uma atividade fundamental da graduação em Pedagogia, pois apresenta na vivência o que foi estudado ao longo do tempo nas salas da faculdade. Neste trabalho serão apresentadas belezas e dificuldades encontradas na prática do professor, bem como análises de práticas pedagógicas, explicando-as à luz de teóricos e propondo mudanças e aperfeiçoamentos para estas.

### **Justificativa**

O tema: "A influência da relação professor-aluno nos processos de letramento" foi escolhido a partir das observações do estágio supervisionado, por perceber que a prática docente em relação ao letramento não tem sido bem compreendida pelos professores. Estes tem calado a voz dos alunos quando lhes dão palavras soltas e prontas, quando não lhes permitem escrever e conhecer temas que para eles são interessantes. Com isso a utilização da

fala se restringe somente à comunicação informal, já a oralidade, no sentido de dar oportunidade de que o aluno exponha sua opinião, contribuindo para a formação de um sujeito crítico, infelizmente não é trabalhada devidamente com os alunos.

Dentro de sala de aula o professor escolhe e constrói sua prática pedagógica muitas vezes sem saber quão importante é a sua relação com os alunos para facilitar a aprendizagem destes. Uma relação amorosa, atenta, onde o aluno é levado a construir seu conhecimento sem medo, reconhecendo o prazer de aprender, deve ser valorizada pelos docentes, principalmente nos anos iniciais, pois nesse momento as crianças criam vínculos positivos ou negativos com a escola, conseqüentemente com a educação.

A questão central deste trabalho versa sobre em que medida a boa relação do professor com seus alunos influencia no desenvolvimento do letramento? Portanto, para isso tem-se como objetivo geral:

Analisar a relação do professor alfabetizador com seus alunos e a influência desta no processo de letramento.

Outras questões surgem em relação a esse tema: A relação professor-aluno influencia nos processos de letramento? Como a prática docente pode contribuir para formação de sujeitos de letrados? A afetividade ou o autoritarismo são determinantes nesse processo?

Então, proponho como Objetivos Específicos:

- 1 Indagar a prática docente do professor alfabetizador na formação de sujeitos letrados.
- 2 Identificar atividades realizadas pela escola, especialmente pelo professor, para a formação de alunos letrados.
- 3 Identificar as posturas do professor com seus alunos que auxilia ou não o desenvolvimento da aprendizagem, especificamente o letramento.
- 4 Verificar quais os pontos positivos da afetividade em sala de aula e suas contribuições para o letramento.

Para a realização deste estudo e melhor desenvolvimento da pesquisa estruturou-se essa monografia em três capítulos:



O primeiro foi a revisão de literatura. Neste são apresentados conceitos importantes para posterior análise, sendo possível perceber quão importante é o letramento e como a prática docente influencia nesse processo.

No segundo capítulo vem a metodologia. No qual é apresentado a estrutura do trabalho, como ele foi realizado. Também é descrito a escola onde as observações foram feitas, bem como o perfil da turma colaboradora.

Por último está o terceiro capítulo com as análises das observações. Neste capítulo são apresentadas as descrições da professora regente da turma observada, assim como a rotina adotada por ela em sala de aula, seguida dos aspectos importantes para a pesquisa com base no diário de bordo feito pela pesquisadora.

## **CAPÍTULO 1 - O PROFESSOR COMO GUIA NOS CAMINHOS DO LETRAMENTO**

Neste primeiro capítulo trato de conceitos como alfabetização, letramento, relação professor-aluno e afetividade, buscando autores fundamentais para o embasamento teórico das observações realizadas, como: Carvalho (2005), Soares (2010) e Morais (2009) apresentando uma conversa entre a teoria e a prática, onde os processos de alfabetização são descritos e a necessidade urgente do letramento é percebida, entre outros.

### **1.1 De alfabetização a letramento: um novo enfoque para a educação.**

Alfabetização, um momento importante na vida de uma criança, jovem ou adulto. No mundo contemporâneo, marcado por uma sociedade grafocêntrica, são facilmente percebidas as dificuldades encontradas por pessoas analfabetas, as vagas de emprego, por exemplo, pedem cada vez mais pessoas com qualificação. Não significa dizer que é impossível um indivíduo "sobreviver" se não for alfabetizado, porém certamente existem dificuldades. Pessoas chegam à fase adulta sem saber ler e escrever por diversos motivos: falta de oportunidade, necessidade de ingressar no mundo do trabalho muito cedo, entre outros. A Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO, 2014), apontou o Brasil como 8º país com maior número de analfabetos adultos, entre 150 países. Assim é possível perceber quão grave é a situação da educação no Brasil.

Atualmente quando se fala em alfabetização, logo surge a palavra letramento, pois existe uma cumplicidade entre elas. Morais (2009) fala que este é um termo relativamente novo, criado em meados da década de 1980 quando se observou a necessidade de uma alfabetização multidisciplinar "ao tempo que concebe a escrita enquanto prática social em seus usos e funções nos variados contextos e nos diferentes grupos e culturas." (p. 57). Carvalho (2005, p. 66) conceitua alfabetização como: "ensinar o código alfabético [...] relação letra e sons." E letramento como a familiarização do "aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita.". Soares (2010) tem um conceito muito próximo deste, quando diz que alfabetização é a apropriação do sistema alfabético de escrita, e o letramento é o uso da leitura e da escrita. Um exemplo da separação desses dois conceitos são as pessoas analfabetas funcionais, estas sabem decodificar e até codificar, ou seja, ler e escrever textos, porém não os compreendem, tampouco interpretam, para assim fazer uso de seus estudos/escritos no seu dia a dia. Para que isso não aconteça a alfabetização não deve ser trabalhada mecanicamente, com

intenção apenas de decodificar e codificar as palavras, é preciso que o trabalho seja feito em um contexto de letramento, ou seja, que o ambiente seja favorável à aprendizagem, que o professor seja mediador no processo de construção do saber, e não dono desse saber.

Para isso, é preciso considerar que a criança não inaugura seu processo de aprendizagem na escola, ela continua o seu processo de aprendizagem. Assim a relação da criança com as letras não se dá a partir do momento que esta entra na escola, pois ela nasceu em uma cultura letrada.

[...] o processo de alfabetização inicia-se muito antes de a criança entrar na escola, pois considerando as experiências extraescolares no convívio com uma cultura letrada, a criança leva para a escola um repertório significativo de compreensão do funcionamento da leitura e da escrita, decorrentes das práticas orais exercidas nos diversos domínios sociais dos quais participa.

(MORAIS, 2009, p. 63-64)

Percebe-se que Morais comunga do pensamento de Vigotski (2007, p. 94), pois este defendia que "o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola.". Geralmente, os conteúdos que serão apresentados pelo professor, mesmo que de forma indireta, já se apresentaram no cotidiano do aluno, por exemplo, as operações matemáticas: ao chegar à aula onde aprenderão divisão os alunos certamente já tiveram alguma experiência indireta onde tinham três balinhas e houve a necessidade de dividi-las entre dois amigos e ele. Este é um exemplo voltado para a disciplina de matemática, porém também é assim com a escrita, a alfabetização. A criança que chega à escola tem experiências com letras a todo momento, ainda que seus pais não tenham o hábito que ler para elas, ou estas não vejam os adultos que o cercam lendo com frequência, as letras estão em todos os lugares, em *outdoors*, placas informativas, panfletos recebidos nas ruas, revistas, televisão, entre outros.

Com isso é possível ver a importância de caracterizar as habilidades que a criança já possui quando chega à escola. Emília Ferreiro (2008) trouxe grandes contribuições com a psicogênese da língua escrita, pesquisando métodos para ver como a criança está se desenvolvendo nos processos do sistema alfabético. O professor deve utilizar desse recurso, de forma intencional, para conhecer de fato seu aluno, não podendo este ser usado apenas por obrigação, ou por ser adotado pela instituição escolar.

A alfabetização e o letramento devem caminhar de mãos dadas. Porém não é raro encontrar indivíduos que passaram por um processo de alfabetização em que a decodificação era o objetivo, estes se tornam pessoas que conhecem o sistema de escrita, reconhecem as

letras e até mesmo leem/decodificam textos, entretanto a deficiência é percebida no momento da interpretação. O sujeito não compreende o que lê e nem percebe a relação do texto com sua realidade e utilização. Rajagopalan (2014) toma uma posição radical quanto a isso, partindo do pressuposto que só é considerado leitura a partir do momento que o indivíduo interpreta o código, se não foi compreendido e interpretado não aconteceu de fato a leitura, mas sim uma simples decodificação. Este autor defende o fim do termo "alfabetização" na sociedade atual, sendo que as escolas deveriam letrar as crianças e não apenas alfabetizar, considerando que alfabetizar é apenas ensinar a codificar e decodificar. Entende-se que a alfabetização está dentro do letramento, entretanto o foco maior é dado à compreensão e utilização da escrita nas práticas sociais, sendo a decodificação e codificação apenas consequência desse processo. Trabalhando o letramento como objetivo principal das séries iniciais a criança passa a perceber a importância do uso da leitura e da escrita no seu cotidiano, assim o professor alimenta o desejo de aprender, e torna a decodificação uma curiosidade/desejo da criança para explorar o mundo das letras.

O letramento é um fenômeno plural, multifacetado, cuja compreensão implica os usos e funções das demandas de leitura e escrita postas pela sociedade letrada, não apenas para o sujeito que sabe ler e escrever, mas, também, para quem utiliza o código a partir de alguma mediação, como diferenciar mercadorias pela marca, reconhecer o valor do dinheiro, ouvir uma notícia de jornal, dentre outras situações decorrentes de utilização da escrita presentes no contexto de uma sociedade grafocêntrica. (MORAIS, 2009, p. 59)

Segundo Soares (1998, apud CARVALHO, 2005) os resultados trazidos pelo letramento são de caráter político, econômico, cultural, entre outros. Entende-se que o indivíduo letrado tem influência sobre o meio, este é um ser ativo, que faz uso da língua para se comunicar, entender o mundo, se expressar, expor suas inquietações e indignações. Porém é importante salientar que uma pessoa analfabeta pode ser letrada, na medida em que participa do que Marcuschi (2010) chama de eventos de letramento. Estes eventos são atividades comuns na sociedade: identificar um endereço, reconhecer o valor do dinheiro, fazer contas matemáticas, diferenciar marcas de produtos, entre outros. Com isso é possível perceber que nem sempre um indivíduo alfabetizado é letrado, e nem sempre um indivíduo letrado é alfabetizado, estas são interligadas e ao mesmo tempo independentes uma da outra.

Para melhor compreender esse fenômeno, voltemos à etimologia da palavra letramento. Soares (2010) dedicou todo um capítulo do seu livro "letramento: um tema em três gêneros" para a explicação do significado de letramento, e os conceitos por ela

apresentados servirão como base para essa pesquisa, como será possível ver a seguir: A palavra letramento, na língua portuguesa, é relativamente nova, sendo que as palavras encontradas no dicionário mais relacionadas a esta são: letrado e iletrado. Entretanto na língua portuguesa o significado destas não condiz com o sentido de letramento, pois segundo o dicionário Aurélio (2010), letrado é um indivíduo erudito, culto, sendo iletrado seu antônimo. Deste modo, a autora revela que a palavra letramento não deriva de uma palavra do português, mas sim do inglês: *literacy* (*litera*: latim = letra; *cy*: inglês = qualidade, condição, estado, fato de ser) significando: "estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever" (p. 17).

Isto posto, é importante ressaltar o que a autora trata no decorrer do capítulo, chamando atenção para a frase "estado ou condição que assume [...]" no conceito de *literacy*, pois mostra que existe uma mudança do sujeito a partir do momento que este aprende a ler e escrever, ou pelo menos deveria existir. Aí está a diferença de um sujeito alfabetizado e um sujeito que adquiriu o letramento, letrado. O alfabetizado domina o código, a representação das letras, o letrado modifica o meio social e é modificado por esse saber, ou seja, faz uso da língua para se expressar, se comunicar, se orientar, ascender economicamente, entre outros. O letramento "traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la." (p. 17). Soares (2010) afirma que Paulo Freire foi um dos primeiros educadores brasileiros a pensar e apresentar o que ela chama de "poder revolucionário" do letramento, pois ele em suas obras sempre deixou claro o poder que a leitura, escrita e a educação em si, têm sobre as transformações do meio.

O principal responsável pelo letramento é a escola, sabe-se que este pode ser trabalhado em todos os âmbitos sociais, como: a família, os amigos, no trabalho, na igreja, entre outros; porém a escola é tida por instância primeira nesse processo. Promovendo condições favoráveis para que este aconteça no contexto escolar. Muitas vezes o momento da alfabetização é tido como sugere o conceito desta palavra: "ação de ensinar/aprender a ler e a escrever" (SOARES, 2010, p. 47), ou seja, codificar e decodificar a escrita, não considerando as consequências positivas que a leitura e a escrita podem proporcionar para a vida dos alunos.

## 1.2 O trabalho da escola na formação de crianças letradas

A escola é vista como local de ensino e aprendizagem, sendo responsável por educar/letrar as crianças, jovens e adultos, sendo o aprendizado por ela proporcionado "voltado para a assimilação de fundamentos do conhecimento científico" (VIGOTSKI, 2007, p. 94) por ser científico propõe uma postura neutra com relação a valores, crenças, costumes, política, entre outros. Essa neutralidade pensada para a escola estaria presente principalmente na postura imparcial esperada do professor, ou seja, estando a frente da turma não poderia aproveitar a autoridade que tem para reproduzir sua forma pessoal de pensar, desconsiderando as diversas culturas, crenças, entre outros segmentos e valores que fazem parte de seus alunos. Weber (2006) fala sobre a imparcialidade exigida do professor no âmbito acadêmico, ou seja, professores universitários, quanto ao seu posicionamento político.

Em uma sala de aula enfrenta-se o auditório de maneira totalmente diversa: a palavra é do professor, e os estudantes estão condenados ao silêncio. Impõem as circunstâncias que os alunos sejam obrigados a seguir os cursos de um professor, tendo em vista a futura carreira e que ninguém dos presentes em uma sala de aula possa criticar o mestre. É imperdoável a um professor valer-se dessa situação para buscar incutir em seus discípulos as suas próprias concepções políticas, em vez de lhes ser útil, como é de seu dever, através da transmissão de conhecimento e de experiência científica.  
(p. 39)

O autor considera que o professor pode sim apresentar suas ideologias aos alunos, entretanto fora do ambiente escolar, onde se encontra em posição de igualdade com o aluno. D'Elboux (2013) discorda desse ponto de vista mostrando que em sala de aula não é possível que o professor seja neutro, imparcial, entretanto na hora de apresentar temas de cunho ideológico como religião, política, entre outros, deve estar disposto a apresentar todas as possibilidades, por exemplo, se o professor professa a fé católica, não deve privilegiá-la ou defendê-la objetivando que seus alunos acreditem e passem a viver essa religião. Neste caso o professor deve apresentar todas as religiões se possível, se não apresentar as que tem mais adeptos, ou utilizar outros critérios para abordar o tema de maneira mais abrangente, com intencionalidade.

A escola é o principal local dedicado à aprendizagem na sociedade contemporânea, ainda que esteja claro que não é o único.

[...] a escola é considerada o lugar social por excelência de transmissão dos conhecimentos culturalmente produzidos e acumulados pela humanidade às novas gerações. Sendo a escrita um produto cultural, a escola exerce um papel específico de normatização da língua oral e escrita necessária para a sistematização do código alfabético e ortográfico, constituída por uma

organização padronizada da linguagem denominada de língua culta, que rege a forma de expressão oral e escrita da sociedade. (MORAIS, 2009, p. 62)

A escola é caracterizada por Morais (2009) como "espaço de letramento", entretanto este espaço tem sido preenchido com trabalhos que valorizam apenas a gramática com atividades mecânicas de codificação e decodificação, reduzindo os vários usos da escrita a variação de gêneros textuais. (p. 65)

A importância do letramento é evidente, isto posto, uma importante questão surge: como a escola pode alfabetizar letrando? Carvalho (2005) apresenta a solução: a leitura. Parece ser esta uma resposta alheia ao contexto, "como incentivar a leitura a crianças que nem mesmo sabem o alfabeto?", mas diz o ditado: o exemplo arrasta. Por isso cabe não só à escola, mas também à família estimular o gosto pela leitura.

Os professores e familiares podem usar da curiosidade das crianças pequenas para estimular a leitura, muitas vezes pegam livros e olham as gravuras, inventam histórias com a certeza de que estão lendo, de fato estão, ainda que estejam lendo as imagens, este é um momento que os pais devem participar ativamente, incentivando, parabenizando e motivando a criança a continuar tendo contato com os livros.

À educação infantil cabe muito mais que cuidar das crianças no horário de trabalho dos pais, o comprometimento com a educação deve ser exercido, a introdução/apresentação de livros em seus mais variados gêneros é uma forma de incentivar as crianças a se interessarem desde a infância pela leitura. A gramática é indiscutivelmente importante, assim como o gosto que as crianças devem adquirir pela leitura.

Não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados. Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho gradual e contínuo. (CARVALHO, 2005, p. 67)

É preciso sensibilidade dos educadores para apresentar o mágico mundo da leitura. Gostando de ler é mais fácil aprender, gostando da história que se lê é mais fácil compreender. É comum encontrar nas salas de 1º ano - alfabetização, alunos que sequer compreendem a importância da leitura para suas vidas. A professora muitas vezes trabalha com palavras soltas, descontextualizadas, sem sentido para as crianças. Não é rara a situação onde estas questionam: "o que é isso? O que esta palavra significa?", questões assim não são negativas, podem muito bem ser uma porta para que as crianças aprendam novas palavras e ampliem seu vocabulário, porém é importantíssimo utilizar palavras conhecidas pelos

indivíduos, despertando a vontade de aprender a escrever determinado nome já conhecido. Carvalho (2005), incentiva a utilização de histórias, retirando daí palavras interessantes para que o processo de alfabetização seja prazeroso para a criança. Assim ela participará de um processo completo, onde as palavras foram retiradas de um texto que lhe foi apresentado. Compreendendo que esta palavra faz parte de um todo, e assim se formam os textos, de palavra em palavra.

O processo tradicional de introdução do aluno à leitura é através do bê-á-bá, isto é, através das famílias silábicas, o que pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. O reconhecimento das famílias silábicas, como o próprio reconhecimento das letras, faz parte do processo de decifração que já deve ser considerada um estágio inicial de leitura. Por isso, nem sempre é importante que o aluno conheça todas as palavras do texto. Deixá-lo ler, refletindo sobre as estratégias de leitura e o conteúdo do texto, é fundamental. (CHIARI, s.d., p. 1)

A autora, Chiari (s.d.), ainda apresenta o sofrimento das crianças vindas da Educação Infantil, passando para o Ensino Fundamental, ao se depararem com uma realidade completamente diferente da que estão acostumados. As brincadeiras, possibilidade de descoberta, músicas, entre outros, ainda que tenham caráter educacional e sejam atividades planejadas intencionalmente, a execução é diferenciada, por exemplo os pincéis, que eram tão utilizados e se transformam em lápis de escrever. Os desenhos, independente se decifráveis ou não, eram parabenizados, pelo simples fato das crianças estarem trabalhando a coordenação motora. Já no Ensino Fundamental é possível encontrar professoras exigindo cópias e mais cópias, letras cursivas que precisam ocupar determinado espaço e além disso a frase: "está errado", aparece constantemente em muitas turmas. O objetivo não é dizer que corrigir um aluno seja uma prática errada, porém a maneira como se faz nesses diferentes níveis da educação são complementemente diferentes.

### **1.3 A boa relação professor-aluno como contribuinte para a uma aprendizagem bem sucedida.**

As relações sociais são conceituadas pelas ciências sociais como: relacionamento entre indivíduos, ou seja, nos relacionamos a todo momento, quando estamos em grupo, quando lemos um livro e ali encontramos a ideia de determinado autor, quando ouvimos uma música que passa a mensagem dos sentimentos do cantor, quando conversamos com um amigo ou um grupo de amigos. A comunicação acontece independente se estes se comunicam



oralmente, por meio da escrita, de sinais, entre outros. O ser humano necessita das relações para apreender o mundo. Uma criança aprende com as experiências do seu contexto familiar e assim desenvolve seu caráter, sua identidade, suas concepções como ser humano ao longo do tempo e se desenvolve. Paulo Freire (1996) ressalta que o homem que não nasce homem, forma-se pela educação. Educação que deve ser realizada em casa e na escola segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96 em seu Art. 2º: "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.". Portanto é possível considerar que o aluno ao chegar à escola traz saberes da educação recebida no lar, das relações familiares, culturais, entre outros, cabendo ao professor, que é o principal responsável pela mediação do ensino na escola, considerar esses saberes como parte do sujeito, ou seja, não ver o aluno como sugere a palavra em latim : *lun* - luz ; *a* - sem; ou seja, sem luz. Piletti e Rossato (2013) mostram que para Vigotski a relação professor-aluno é uma relação ativa, onde aluno, professor e meio constroem o conhecimento, não sendo o professor um reproduzidor de conteúdos, responsável por passar a matéria e os alunos receberem, não sendo esta a única participação destes no processo. O processo de ensino-aprendizagem se dá a partir da cooperação. O professor como indivíduo mais experiente tem o papel de mediar, ou seja, conduzir o processo, e não impor.

Partindo da concepção sociocultural, Moraes (2009) ressalta:

[...] a intervenção pedagógica no processo de alfabetização, assume um papel de relevância significativa, pois a contribuição do professor no processo de internalização da cultura escrita pelo aluno, a partir da proposição de situações significativas acerca do funcionamento do código, através de práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças em seu contexto familiar e social. (p. 56)

Essa intervenção pedagógica objetivando a otimização do processo de aprendizagem acontece dentro da relação professor-aluno, sendo esta considerada por Muller (2002), o "centro do processo educativo" devendo "estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar seu aluno para o crescimento interno, isto é, fortalecer as bases morais e críticas." (p. 276).

Isto posto percebe-se que uma boa relação do professor com seus alunos contribui para a formação cidadã, ou seja, pessoas conscientes de seus direitos e deveres, com pensamento crítico e autônomas. Remetamo-nos ao conceito de letramento: utilização prática e efetiva da leitura e da escrita no contexto social para melhor viver, contribuindo diretamente para a formação de indivíduos que fazem uso da leitura e da escrita criticamente como

possibilidade de melhorar o contexto/meio/realidade em que vivem. É possível perceber que letramento também refere-se à formação cidadã, sendo a relação professor-aluno determinante nesse processo por ser o professor o principal mediador dos conteúdos científicos apresentados pela instituição escolar, estando o letramento entre estes conteúdos.

Para Vigotski (2007, p. 95) o "[...] aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.", isto posto é possível considerar que o professor, sendo este um dos responsáveis pela aprendizagem, é também responsável pelo desenvolvimento da criança. Para este autor a escola trabalha a aprendizagem sistematizada e "produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança."(p. 95), não deixando de lado o "desenvolvimento completado", termo que na teoria de Vigotski está presente no primeiro nível de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real. Sendo este tudo que a criança já consegue fazer por si só, sem o auxílio de um adulto. Para assim trabalhar o nível de desenvolvimento potencial.

[...] o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 2007, p. 97)

É na zona de desenvolvimento proximal, objetivando o nível de desenvolvimento real, que acontece a atuação do professor, através da mediação dos saberes existentes e dos saberes necessários, no caso da escola uma aprendizagem sistematizada e de caráter científico.

Essa mediação, momento em que o professor ajuda o aluno a chegar ao objeto de aprendizagem, é marcada pela relação que o docente tem com seu aluno, pois a sala de aula deve ser vista como lugar de relação. Morales (1999) apresenta a docência como profissão, portanto deve ser exercida com responsabilidade visando resultados efetivos. Pode-se exemplificar da seguinte forma: uma secretária de uma empresa imobiliária de sucesso é responsável por elaborar e imprimir os contratos a serem assinados pelos clientes interessados em comprar determinados imóveis. Se esta não considera que cada imóvel tem suas características próprias, como valor, localidade, espaço construído e área livre, responsabilidades da imobiliária e do futuro morador; apenas utilizando um mesmo contrato para todas as negociações, as informações ficarão erradas e aquele contrato será nulo, não sendo referente ao imóvel desejado pelo cliente. Portanto, aquela não está agindo profissionalmente quando utiliza um contrato comum para negociações distintas, quando deveria editar e reelaborar os documentos sempre que necessário, visando, portanto a eficácia

do negócio e fazendo um bom trabalho, com responsabilidade e compromisso. Assim também acontece com o professor, sendo ele um profissional da educação agindo com responsabilidade, trabalhando para atingir as metas, sendo esta a aprendizagem bem sucedida do aluno.

[...] somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscando *seu* êxito e não *seu* fracasso, e a *qualidade* de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo *profissional*. [...] nossa relação com os alunos é uma relação profissional que deve potencializar seu aprendizado integral [não só dos conteúdos que explicamos], e isso deve nos interessar pelo menos tanto quanto interessa ao vendedor não só não espantar seus clientes, mas até fazer com que compreem e levem mais do que tinham a intenção de comprar. (MORALES, 1999, p. 13)

O professor em sala de aula se relaciona de forma direta e indireta com seus alunos, e esta resulta em aprendizagens intencionais e não intencionais, ou seja, o professor ensinar mais que o conteúdo programado, está sujeito a ensinar a gostar ou não de determinado assunto, por exemplo, transmitindo aos alunos muito de sua cultura, valores e conceitos que fazem parte do indivíduo. Se consideramos o aluno como sujeito singular que não chega à escola vazio, considera-se também o professor com seus conhecimentos prévios, mesmo existindo a necessidade de neutralidade como foi dito acima, não é possível abster-se completamente de suas raízes, cabendo ao professor estar atento para não ferir os que tem posturas e hábitos diferentes dos seus. Morales (1999) apresenta o exemplo da matemática, onde o professor ensina o conteúdo, mas a forma como ensina, ainda que não perceba, pode influenciar os alunos a gostar ou não da matéria, "[...] os ódios e os amores, como os conhecimentos, são aprendidos... Seja como for, o que podemos afirmar é que o professor de matemática quis ensinar matemática, não a odiar matemática." (p. 17). O autor (idem, 1998, p. 24-25) apresenta ainda que a maioria dos conteúdos serão esquecidos, entretanto alguns aprendizados não intencionais ficarão.

O comportamento do professor em sala de aula, a forma como lida com seus alunos diz muito da sua personalidade. Personalidade esta formada por defeitos e qualidades, cabendo ao profissional da educação reconhecer seus pontos positivos e reforçá-las para tornar-se um bom professor. Morales (1999) dá o exemplo de uma característica admirada por alunos do ensino médio, o bom humor do professor. Entretanto se não faz parte da personalidade desse indivíduo ser bem humorado, fazer brincadeiras com os alunos, deve buscar outra característica positiva que auxilie no êxito de sua prática docente. A comunicação em sala de aula se dá não apenas pela fala, mas também com gestos, olhares,

atitudes, entre outros. O professor recorrendo aos mais variados meios para estar mais próximo do aluno, terá resultados mais positivos se comparados ao professor que acredita que a prática docente é algo distante das relações afetivas. Ainda que não esteja presente em sua personalidade um comportamento carinhoso, existe outro aspecto nele que pode ser enfatizado, seja a organização, a flexibilidade, a paciência, entre outros, pois todo ser humano, seja ele professor ou não, tem defeitos e qualidades (p. 37).

O professor está à frente e é modelo de identificação para os alunos, seu comportamento pode ser modelo positivo ou negativo, com isso afeta também o interesse dos alunos pelo conteúdo que ensina. Uma pessoa agradável, com comportamento respeitoso, flexível, aberta a opiniões diferentes, disposta a mudar para melhor, dá exemplo aos alunos e conquista a confiança destes, tornando uma relação que tende a ser impessoal uma relação afetiva. Morales (1999, p. 49) mostra que a relação professor-aluno não pode reduzir-se "a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa.", deve haver um equilíbrio, pois a afetividade é fundamental para a aprendizagem.

A aceitação afetiva (ao menos a não recusa) será sempre importante se quisermos que as mensagens que consideramos valiosas cheguem aos alunos. Muitas boas mensagens (e bons conselhos etc.) se perdem simplesmente porque se recusa o mensageiro. (MORALES, 1999, p. 23)

No âmbito escolar a autoridade é posta em extremo oposto da afetividade, pois aparentemente professores autoritários não consideram a afetividade e professores afetivos não consideram a autoridade. Porém, a rotina de sala de aula deve conter esses dois pontos, pois o professor deve conduzir a aprendizagem, se colocando também como aprendiz, ensinar e aprender são exercícios feitos tanto do professor para o aluno, quanto do aluno para o professor, este tem domínio sobre a turma, ou seja, autoridade. Novais (2004), ressalta que não é a autoridade o problema, mas sim os abusos e excessos que os professores cometem ao reconhecerem sua posição como educador.

Infelizmente, alguns professores acreditam que se usarem do afeto em sala de aula, estarão deixando sua posição como professor, o que é um engano, uma mãe, por exemplo, deve tratar seus filhos com amor e ser respeitada ao mesmo tempo, uma característica não anula a outra. É preciso considerar o que o mesmo autor (idem, 2004) apresenta como autoridade liberal, ou seja, aquela onde professor e aluno reconhecem seu espaço como pessoa, respeitando o espaço e a pessoa do próximo. Sendo o diálogo a melhor opção para resolver os conflitos, sem necessidade de gritos e escândalos.

Muller (2002) apresenta a afetividade como facilitadora da aprendizagem, pois essa boa relação professor-aluno passa confiança sendo possível usar até mesmo de uma conversa informal para ensinar o conteúdo desejado aos alunos:

O aspecto afetividade influi no processo de aprendizagem e o facilita, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e experiências várias, expressando opiniões e criando situações para, posteriormente, serem utilizadas em sala de aula. [...] Na relação professor-aluno, o professor, usando da afetividade, poderá entender melhor seus alunos e conseguir elementos para atingir seus objetivos. (p. 276-277)

Sendo o letramento um processo de desvelamento das funções da leitura e da escrita, a participação atenta, carinhosa, respeitosa, compreensiva, ou seja, afetiva do professor, faz a diferença, pois este como mediador ajuda a construir e faz parte do contexto que é necessário para o letramento.

### 1.3.1 A mediação pedagógica na formação de sujeitos letrados

Com base no que foi dito anteriormente é possível perceber que o professor é responsável por fazer a mediação dos conteúdos, e quanto melhor for a sua relação com seu aluno melhor será a aprendizagem, por transmitir confiança e até mesmo ser exemplo para seus alunos. Muitos conteúdos não ficam na memória dos alunos para o resto da vida, entretanto bons professores sempre são lembrados pelas marcas positivas que deixam, assim como os maus professores, que deixam marcas comparadas a cicatrizes de cortes profundos que resistem ao tempo e teimam em ficar na pele.

No caso dos professores de alfabetização as marcas deixadas podem ser ainda mais profundas. Existe uma grande pressão social no momento da aprendizagem, não é difícil ouvir a pergunta: "e ela já sabe ler?" quando em uma conversa fala-se que o filho já frequenta a escola. A cultura grafocêntrica exige que as crianças leiam o quanto antes, é motivo de orgulho para os pais e para o próprio sujeito. De fato, aprender a ler é muito importante e deve-se alimentar a curiosidade pelo mundo da leitura e da escrita nas crianças. Contudo, muitos professores ao receberem alunos já inseridos no processo de alfabetização antes de chegarem a escola, podam essa curiosidade e matam o desejo de aprender algo que até agora parecia tão bom, tornam a alfabetização um momento maçante e cansativo, onde o prazer de mergulhar no mundo das letras não é apresentado.

Não mostram a possibilidade de encontrar um mundo mágico de comunicação (ex: livros), passa-se a ver a leitura e a escrita vestidas de obrigação, lições de casa com palavras sem sentido e uma professora tirana com um giz e um apagador na mão, com o poder de dizer que você fez tudo errado. Alguns professores, que deveriam ser responsáveis por apresentar as belezas do conhecimento acabam deixando que, os problemas pessoais e a visão de que ensinar é apenas um meio de obter renda para sobreviver, tome conta de seus pensamentos e atitudes. Nesse processo o aluno é prejudicado, pois um profissional desmotivado, descompromissado não acredita que a relação professor-aluno seja importante. Para alguns já fazem o suficiente, ir para a escola, passar no quadro o que é preciso para codificar e decodificar. Alfabetizam, sem compromisso com o futuro cidadão que esse aluno será.

Se o professor de alfabetização encara sua profissão como um fardo ele não se preocupará com a aprendizagem indireta que acontece nas entrelinhas da relação professor-aluno, por exemplo, o respeito ao próximo, o direito de falar e dever de ouvir o outro, o direito de expressar sua opinião, a possibilidade de descobrir a utilidade real de aprender a ler ou escrever. Ou seja, um professor de alfabetização que se compromete apenas em ensinar as letras do alfabeto, codificar e decodificar, não fará esforços para que o letramento aconteça. Pois é aparentemente mais simples copiar palavras no quadro, tirar xerox de atividades prontas e entregar para as crianças fazerem, do que montar um projeto pedagógico que envolva a transdisciplinaridade dentro da sala de aula.

Existe nas crianças uma característica típica, a curiosidade. Esta abre portas se aproveitada pelo professor, pois lida com o interesse da criança trabalhando junto com o interesse do professor, que é o de que ela aprenda determinado conteúdo. Uma boa relação entre o professor e seu aluno permite que o professor conheça os interesses e os explore através da curiosidade, que para Alves (2004, p. 9) é "uma coceira que dá nas ideias" e esta é curada com o aprender.

O autor (idem, 2004, p. 11) levanta um interessante questionamento: "Será possível aprender sem que os olhos estejam fascinados pelo objeto misterioso que os desafia?". O letramento precisa ser a menina dos olhos do processo de alfabetização. Sua proposta é esta que fascina, que dá óculos novos a quem vê a realidade, à criança dá asas a sua curiosidade e imaginação, pois não tira o encanto que ela acredita ter, e existe, no mundo da leitura e da escrita.

## **CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA: PRIMEIRO PASSO PARA O DESVELAMENTO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Este capítulo tem por finalidade descrever o caminho percorrido para a elaboração, execução e análise desta pesquisa. Sendo a proposta analisar de que forma a prática docente influencia os processos de letramento de crianças alfabetizandas.

Para isso será utilizada a abordagem qualitativa, por considerar o que Neves (1996) apresenta, como um tipo de abordagem que permite o contato direto com os sujeitos da pesquisa, sendo possível colocar-se na perspectiva do sujeito pesquisado, nesse caso o professor e os alunos, para obter melhores resultados. Bortoni-Ricardo (2008), apresenta a pesquisa qualitativa como um instrumento de "desvelamento do que está dentro da "caixa preta" no dia a dia dos ambientes escolares [...]" (p. 49).

Foi feito um estudo de caso, por se tratar de um procedimento de coleta que, segundo Gonsalves (2012) auxilia na reflexão da resolução dos problemas observados, utilizando como método a observação participativa. Estas observações foram feitas por ocasião do estágio supervisionado, em uma escola pública de Brasília, que atende de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em uma turma de alfabetização (1º ano - E. F.), composta por 16 alunos. Trata-se de uma escola inclusiva, atendendo, portanto a alunos de classes regulares e alunos com necessidades educacionais especiais - NEEs, com foco maior no autismo, compondo assim turmas regulares, turmas inclusivas e classe especial.

As observações foram realizadas três vezes por semana, durante 6 semanas, totalizando 90 horas de observação. A partir das necessidades percebidas na instituição decidiu-se privilegiar a análise do fenômeno nessa turma. As atividades da turma em questão foram observadas do dia 18 de março de 2014 ao dia 29 de abril de 2014, no turno vespertino, regularmente às terças, quintas e sextas-feiras. Estas observações serão apresentadas em um texto corrido, apenas o primeiro dia será colocado na íntegra como relato e primeira impressão.

Este estudo também se caracteriza como um estudo descritivo, ou seja, "tem a finalidade de descrever o objeto de estudo, as características e os problemas relacionados, apresentando com a máxima exatidão possível os fatos e fenômenos" (ALMEIDA, 2014, p. 26).

Os sujeitos observados eram crianças com idades entre 5 e 6 anos, sendo 6 meninos e 10 meninas, vindos da Asa Norte na sua minoria e de algumas regiões administrativas, como Paranoá, Santa Maria, São Sebastião, entre outras. Sendo a maioria filho de pais empregados em Brasília, aparentemente de classe média baixa, escolhendo a escola em questão pela facilidade de deixar os filhos em uma escola perto do trabalho. Participou desta pesquisa a professora da turma, concursada, exercendo a profissão há 20 anos, formada pela Universidade de Brasília e residente em Brasília.

Como instrumento de coleta de dados foi elaborado um diário de campo, sendo que este não será transcrito de maneira literal, apresentando apenas os pontos relevantes para este estudo. Este foi escolhido por ser individual, pessoal, possível de registrar o olhar do pesquisador no momento daquele fenômeno em questão. Apoiado nas observações participativas que permitem ao pesquisador um olhar mais próximo do objeto pesquisado, permitindo ver detalhadamente o ocorrido, “[...] a observação participante é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com o objetivo de observar e tentar descobrir como é ser membro desse mundo[...].” (CALLEFE e MOREIRA, 2006, p. 201 apud MORAIS, 2009, p. 38).



## **CAPÍTULO 3 - A SALA DE AULA COMO CENÁRIO DAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS E PALCO PRINCIPAL PARA O LETRAMENTO**

A partir das considerações feitas nos capítulos anteriores, as análises de dados serão subdivididas em: Postura do professor: envolvendo questões de afetividade e autoridade, método utilizado pelo docente, organização da sala, rotina proposta pelo professor e atividades realizadas pelo professor. Estas contribuirão para os resultados do estudo de caso.

### **3.1 A escola observada**

As observações foram feitas em uma escola pública, localizada em Brasília - Distrito Federal. Esta atende a alunos de 1º ao 5º ano, moradores do Distrito Federal, ou seja, Brasília e regiões administrativas como: Asa Norte, Asa Sul, Santa Maria, Paranoá, São Sebastião e outros. Sendo que muitas crianças vem de longe por conta do trabalho dos pais. Trata-se de uma escola inclusiva, atendendo, portanto a alunos de classes regulares e alunos com necessidades educacionais especiais - NEEs, com foco maior no autismo, compondo assim turmas regulares, turmas inclusivas e classe especial.

A escola adota o livro didático para orientar os estudos, sendo este: *Rumo a novos letramentos*, das autoras Angela Mari Gusso e Rossana Aparecida Finau. O livro é apresentado pela Editora Base como instrumento que objetiva o desenvolvimento das "competências comunicativas do aluno: leitura, escrita e oralidade". Sendo ele dividido em seis unidades. Ribeiro (2013) analisou este livro, disponibilizando a pesquisa em seu blog destinado a estudos pedagógicos com o objetivo de melhor informar os professores quanto ao material didático que recebem para trabalhar com as crianças, e chegou às seguintes conclusões: o livro explora os diversos gêneros textuais, contudo as atividades são insuficientes para a alfabetização, oferecendo atividades para encontrar sílabas, entre outras, sendo estas complementares à prática docente. O livro é avaliado como bom, oferecendo algumas atividades que proporcionam a formação de sujeitos letrados, por exemplo, quando sugere atividades para que as crianças procurem sílabas, não lhes apresenta palavras descontextualizadas, sem sentido ou desconhecidas pelo aluno, mas sim um texto, que deve ser lido pela professora para a classe, exigindo um planejamento prévio para que aconteça

uma boa mediação do conteúdo. Incentiva frequentemente nos fechamentos dos conteúdos uma discussão mediada pelo professor entre os alunos sobre o tema abordado.

Este material é um bom instrumento de complemento à prática dos professores de alfabetização, contudo não foi muito utilizado pela professora regente, preferindo as cópias de outros livros didáticos com atividades menos dialogadas. As atividades do livro eram feitas, e a professora procurava outras atividades complementares, em sua maioria xerocadas. Já as discussões propostas pelo livro não eram feitas, ainda que este fosse o ponto alto dos objetivos propostos: que as crianças possam ouvir textos lidos pela professora, textos estes que em grande parte abordam temas interdisciplinares, por exemplo, os animais com atividades de Português, fazer a atividade proposta e falar sobre o tema abordado no texto. Este livro didático pode contribuir na formação de sujeitos letrados quando bem utilizado pelo professor, não sendo ele suficiente para a alfabetização, mas bom recurso pedagógico de complementação da prática pedagógica.

Os espaços de alfabetização são restritos às salas de aula. No período em que as observações foram feitas a escola não desenvolveu nenhuma prática juntamente com os professores, de integração entre os alunos de alfabetização, trabalhos interdisciplinares, entre outros. A biblioteca, que possui média quantidade de livros de literatura infantil, conhecimentos gerais (matemática, história, geografia, entre outros), é pouco explorada pelos docentes de alfabetização, ficando esta trancada, sendo aberta apenas para que a limpeza seja feita. Alguns professores já se dedicaram ao incentivo da leitura e do empréstimo de livros da biblioteca aos alunos, porém pela necessidade de assumir turmas de outros professores com atestado ou por falta destes, os projetos não duravam muito tempo.

Quanto a reuniões pedagógicas, estas acontecem nos dias destinados à Escola Parque das crianças, por exemplo, a Escola Parque dos alunos do 1º ano era as quartas-feiras, portanto este dia era destinado à coordenação e reunião dos professores onde aconteciam discussões e reflexões sobre alguns alunos em questão, em sua maioria alunos com alguma dificuldade ou que eram considerados mais bagunceiros, alguma maneira de melhorar a aprendizagem de determinados alunos, em que turma colocá-los no próximo ano para que melhor se desenvolvam, entre outros. Já os planejamentos de aula, bem como a confecção de atividades eram feitas individualmente pelos professores. As reuniões com os pais são feitas bimestralmente, e é destinada à entrega de atividades feitas na escola, boletim e conversa com os professores sobre o desempenho dos alunos.

A escola segue uma rotina de horários, sendo que no turno vespertino as crianças entram às 13h e saem às 18h. Ao chegarem à escola as crianças fazem uma fila no pátio de acordo com a turma, enquanto aguardam seus respectivos professores, esta fila serve apenas para organização das turmas, não existe nenhum trabalho pedagógico ou objetivo de formação. O lanche é servido às 15h e o tempo destinado à alimentação é regulado pelo professor, pois a refeição é servida em sala de aula. Após o lanche vem o recreio, com duração de 20 minutos. A escola não adota o barulho de sirene para avisar aos alunos o horário de irem para a sala, nesse momento é tocada uma música infantil, que muda todos os dias da semana, assim como na hora do intervalo e na hora da saída.

O trabalho conjunto, escola e professor, se dá quando toda a instituição de ensino se compromete com a aprendizagem do aluno, tornando-se uma equipe, deixando de lado a visão hierárquica, onde o professor é apenas um funcionário da escola, abandonando também críticas negativas às práticas de colegas de trabalho, considerando críticas construtivas que poderiam ser feitas até mesmo nas reuniões pedagógicas para aperfeiçoamento da prática docente, o trabalho e planejamento individual do professor seria enriquecido se aberto a um colega de trabalho, sendo um crescimento mútuo, onde aprende-se com o outro e suas experiências distintas.

### 3.1.1 O estágio obrigatório como oportunidade de pesquisa: características da turma observada

Uma única turma foi observada, sendo esta escolhida por disponibilidade da professora, 1º ano do Ensino Fundamental. Turma esta composta por 16 alunos, sendo 6 meninos/10 meninas, com idade entre 5 e 6 anos. Ainda que se trate de uma escola inclusiva, essa turma em especial não tem nenhuma criança com necessidades educativas especiais, caracterizando assim uma turma regular. Este trabalho apresentará todas as atividades realizadas pela professora, com o olhar voltado principalmente para o letramento e alfabetização. Totalizando 18 dias, com 5 horas cada, no turno vespertino, completando assim as 90 horas exigidas pelo currículo do curso de Pedagogia.

A professora regente da turma é formada em Pedagogia pela Universidade de Brasília. É professora há 20 anos, já trabalhou com as séries finais do Ensino Fundamental, e também com turmas inclusivas. Hoje trabalha com alfabetização.

### 3.2 O professor alfabetizador e suas práticas diárias

Para Alves (1994), o professor tem a missão de "ensinar a felicidade" (p. 9) em todas as disciplinas, seja português, matemática, história, geografia, entre outras. O autor faz analogia a uma taça multiforme colorida, que deve estar repleta de alegria. Sugerindo que um professor que não exerce sua prática com alegria não deve exercer a profissão.

Na alfabetização as crianças costumam ser vistas como *tábulas rasas*, por conta de sua pouca idade associada à falta de experiências educacionais, também como sujeitos sem direito de dar opinião sobre a prática do professor e conteúdos que gostariam de aprender. Algumas turmas até são "presenteadas" com aulas improvisadas, sem nenhum fundamento ou objetivo, apenas com a finalidade de cumprir horário, sem comprometimento algum com a aprendizagem das crianças.

O professor alfabetizador, comprometido com a prática do letramento, planeja sua aula com antecedência, conhece seus alunos e procura instrumentos para enriquecer seu fazer pedagógico a cada dia e ajudar seus alunos a desenvolverem gosto pelos estudos, independente da matéria a ser apresentada. Quando o conteúdo ensinado faz sentido para o sujeito, está presente nas necessidades do seu cotidiano é mais provável que este o carregue para o resto da vida, por isso a necessidade do contexto letrado nas escolas, para que as crianças desde a alfabetização vejam quão importante é a leitura e a escrita no seu dia a dia. Alves, (1994, p. 19) alerta ao perigo dos conteúdos sem significado: "Dentro de pouco tempo quase tudo aquilo que lhes foi aparentemente ensinado terá sido esquecido. Não por burrice. Mas por inteligência. O corpo não suporta o peso de um conhecimento morto que ele não consegue integrar à vida.". Neste cenário o conteúdo se faz necessário apenas para uma prova, sendo conteúdos decorados, mas não compreendidos.

#### 3.2.1 As implicações da postura do professor em sala de aula

Ser professor é mais que graduar-se em uma licenciatura, o sujeito se constitui professor em sala de aula, com sua prática docente e interação entre os saberes ensinados às crianças e os que recebe dos alunos e da escola (GAUTHIER, 1998 *in* CUNHA, 2005, p.

191). Constituindo, portanto uma troca de saberes, e não uma condição passiva onde o professor reproduz e o aluno absorve.

Além da postura de detentor do saber, o professor está sujeito a ter outros comportamentos negativos que prejudicam a aprendizagem dos seus alunos, por prejudicar os vínculos afetivos que devem existir para que o ensino-aprendizagem aconteça. Pois como afirma Alves (2004), "Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência de afetividade". Experiência esta que terá maior possibilidade de êxito quando o profissional da educação sente-se satisfeito, animado, feliz e é comprometido com seu trabalho.

[...] postura desanimada é sinal de envelhecimento do espírito inquieto e desafiador que deve marcar a prática pedagógica; essa submissão ao "estado das coisas como elas estão" é indício de adoecimento da amorosidade compartilhada que insufla encanto docente. Desanimar é tirar a animação, isto é, "anima", a alma, o espírito vital que fortalece e dá sentido à nossa profissão e compromisso. (CORTELLA, 2014, p. 18)

A maior parte dos comportamentos negativos por parte do professor aparece quando este não está satisfeito com sua profissão, seja por questões financeiras, emocionais, carga excessiva de trabalho, entre outros. Entretanto Cortella (2014) lembra que "é exatamente em condições absolutamente difíceis que a amorosidade aparece e é imprescindível."(p. 14).

A professora da turma observada mostrava-se impaciente, desgastada e desmotivada com seu trabalho, o que origina constantes falas como estas:

*"Já dei aula fora de Brasília e a bagunça não era tão grande."*

*"É muita criança para uma professora só."*

*"Vocês vão me deixar louca".*

*"Eu não aguento mais isso. Ou desaprendi a ser professora ou essa turma é impossível."*

São frases que mostram a impaciência da professora com relação à turma, o que ocasiona um ambiente onde os gritos são frequentes. Sendo este mecanismo, o grito, uma expressão de fragilidade na autoridade, utilizado como instrumento de controle que revela o fracasso de uma prática (BURGET, 2011).

Certo dia a orientadora pedagógica entrou em sala aos gritos para falar que as crianças estavam deixando a professora doente, que devido ao comportamento da turma a

professora não conseguia descansar direito e estava indo parar no hospital quase toda semana. De fato as doenças na carreira docente são comuns, o estresse, ansiedade, exaustão emocional são frequentes motivos para o abandono da profissão. Monteiro (2008) apresenta a saúde do professor como um processo do qual ele é protagonista, ou seja, responsável.

Ao tomarmos a saúde como um processo, queremos afirmar a nossa implicação com o movimento diário, que implica luta e combate em relação às adversidades inerentes à vida. No caso específico do professor, caberá, então, travar este combate no cotidiano da escola para que, nos micromovimentos de sua prática, ele possa sair da oscilação entre onipotência (posso tudo) e impotência (não posso nada), para assim encontrar-se como profissional potente, competente e capaz de pensar e mudar o seu fazer, inventando novos modos de trabalhar e viver. (p. 7)

A saúde do professor também é construída a partir da maneira como ele se propõe a exercer sua profissão, por exemplo, se este professor se dispõe a querer controlar e segurar 16 crianças sentadas em suas cadeiras durante horas consecutivas, certamente haverá estresse, irritação e gritos. Porém, se o professor compreende as necessidades de movimentação das crianças e pensa práticas pedagógicas que farão os alunos participarem e se interessarem, mesmo sem a necessidade de estarem sentados, esta será uma profissão mais prazerosa e menos cansativa, conseqüentemente mais "saudável", com menores possibilidades de doenças. Atitudes como esta da orientadora pedagógica culpabilizam as crianças por serem crianças, ou seja, por problema algum, pois, crianças são agitadas e as atividades realizadas apenas sentados nas cadeiras se tornam cansativas e fatigantes. Atividades estas que expressam a necessidade de práticas pedagógicas que possam envolver a turma e tornar a aula envolvente e interessante, considerando sair das carteiras e se movimentar.

Voltando a outras práticas do professor em questão, não eram raras as vezes que na terça-feira (dia antes da Escola Parque), as crianças animadas diziam: "Tia amanhã temos escola parque não é?" e ela dizia: "graças a Deus não vou vê-los amanhã". Com essa fala é possível perceber o que Lapo e Bueno (2003) chamam de processo de "desencantamento do professor", que se dá ao longo da carreira docente por decorrência de múltiplos acontecimentos negativos, como salários baixos, condições de trabalho ruins, turmas superlotadas, entre outros. "Do mesmo modo que o se tornar professor é um processo contínuo, pelo qual o indivíduo se constrói professor, também o deixar de ser professor mostrou-se [...] como um processo que é tido ao longo do percurso profissional." (p. 74).

A postura da professora perante os alunos era normalmente muito grosseira, com muitos gritos e comportamentos de reprovação para com as atitudes das crianças. Em outra

situação, um aluno furou o colega em sala de aula, vindo a professora pegou o aluno pelo braço e o sentou na cadeira dizendo: "*Eu não tô aqui para educar ninguém, educação vem de casa! Eu tô aqui trabalhando. Você é um rapaz ou um moleque?*". Esse mesmo aluno pouco tempo depois mudou para o turno matutino, alguns alunos depois de dias sem vê-lo questionaram a professora o motivo, ela respondeu dizendo que o aluno em questão havia mudado de turno. No mesmo momento virou para o lado e disse: "*Graças a Deus, menos um.*". Falas como esta representam insatisfação da docente com seu trabalho, pois já não usa de elementos básicos para exercer essa profissão, como a paciência por exemplo. Esse comportamento se dá muitas vezes pelo fato da realidade não corresponder às expectativas do professor, pois este pode ter planejado estar em uma turma pequena, quieta, onde todos escutam, obedecem, entre outros comportamentos almejados. Porém, a realidade é completamente diferente, sendo este mais um motivo para culminar no "desencantamento" pela profissão.

"Quando a organização do trabalho docente e a qualidade das relações estabelecidas dentro do grupo (incluindo-se aí o resultado obtido com o trabalho em sala de aula) não correspondem aos valores e às expectativas do professor, este se vê diante da dificuldade de estabelecer ou manter a totalidade de vínculos necessários ao desempenho de suas atividades no magistério." (LAPO e BUENO, 2003, p. 75)

A sala de aula é um ambiente flexível, pois ali se apresentam inúmeros seres humanos, ou seja, indivíduos, pessoas distintas umas das outras. Por conta disso o ambiente também se modifica a todo instante, atividades propostas podem ser bem sucedidas em um dia e em outro não. Cabe ao professor compreender para conseguir lidar com os sucessos e insucessos das práticas. Um bom exemplo é a proposta de calendário da professora observada. Todas as manhãs as crianças cantam a música em frente ao calendário para executar a atividade no caderno, não sendo uma possibilidade que alguma criança não cante. Porém muitas vezes as crianças não estão com vontade de cantar a música diária do calendário, e expressam essa vontade para a professora, porém esta os obriga a se levantar e ir ao calendário cantar, e quando não cantam não deixa de repreendê-los dizendo: "*Não vai cantar não? Eu não quero menino morto aqui não!*". É recomendável que a sala de aula seja vista como ambiente flexível, com uma dinâmica de atividades aberta a mudanças, respeitando as particularidades dos sujeitos que a compõem, para que conseqüentemente estes se reconheçam como sujeitos ativos. "As crianças são ensinadas. Aprendem bem. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos das receitas ensinadas e aprendidas. Tornam-se incapazes de dizer o diferente." (ALVES, 1994, p. 22).

Alves (1994) continua o pensamento ressaltando que os professores fazem as perguntas e em seguida falam as respostas que querem ouvir. As práticas coletivas são importantes, uma atividade que envolve os dias da semana, permitindo um sentimento de localização é de grande valia, entretanto algumas crianças ainda não compreenderam essa importância ou apenas não estão com vontade de cantar. Afinal não é todo dia que acordamos de bom humor, muitas vezes aconteceram coisas pessoais antes de chegar a escola, outras vezes o cansaço físico interfere, ainda mais nesse contexto, pois por causa da distância da escola para suas residências, enfrentada pela maioria dos alunos, muitas vem com seus pais pela manhã para irem a escola no turno da tarde, chegando assim cansados em sala de aula. Um aluno certa vez dormiu na mesa, a professora viu e soltou o grito, a criança acordou assustada, meio sem saber o que estava acontecendo.

No ambiente escolar flexível o professor organiza a dinâmica de sala de aula, e sua postura é fundamental para despertar o interesse das crianças nos conteúdos que ensina. Um ambiente escolar flexível também é caracterizado pela postura do professor que faz seus alunos sentirem-se bem, por ser um ambiente de aprendizagem. "A flexibilidade se caracteriza pela capacidade de romper algumas amarras e preconceitos que tornam alguém refém de uma condição [...]" (CORTELLA, 2014, p. 86). A professora observada revela uma prática tradicional e não flexível quando ao repreender os alunos diz: "*senta que lugar de aluno é na cadeira!*". Para compreender o lugar do aluno, podemos nos remeter a Alves (2000) quando fala da proposta educacional da Escola da Ponte em Portugal, "Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações [...]" (p. 5). Lugar de aluno é na cadeira, no chão, na pátio, em todos os lugares, pois aluno é pessoa em processo de aprendizagem, ou seja, todos os seres humanos em todas as idades, e estes estão presentes na escola, na rua, em casa, na sociedade. Quando a professora fala que lugar de aluno é na cadeira, demonstra uma visão tradicional, onde o lugar do professor é a frente da turma explicando o conteúdo e o lugar dos alunos é sentado escutando e absorvendo o conhecimento passivamente. Percebe-se o contraste com a proposta da escola apresentada por Alves (Escola da Ponte), onde o conhecimento é construído pelas crianças com auxílio do professor.

Quando o conhecimento é compreendido pelo professor como processo de construção e não de transferência passiva, a relação do docente com seus alunos é diferenciada, pois a opinião das crianças, suas curiosidades, seu tempo para aprender, são melhor aceitos. Além da maneira como compreende o conhecimento, Soares (2010) ressalta



que para que a relação professor-aluno seja positiva o primeiro passo é que o professor acredite no potencial do seu aluno, sua capacidade de aprender, esse sentimento torna-se explícito na postura do professor para com seus alunos, sendo este um ponto muito importante na alfabetização. Outro ponto importante é a formação continuada, pois o professor não é o dono do saber, deve estar em um processo contínuo de formação, aprendendo com o outro e porque não com o seu aluno? É preciso pensar no que Hypolitto (1999) apresenta, o professor que reflete sobre sua própria prática, acolhendo as críticas positivas e negativas como meio para estar sempre melhorando seu trabalho. O professor precisa investigar sempre, estar atento ao mundo que o cerca, buscando sempre o progresso.

### 3.2.2 Método utilizado pela docente

Nesse tópico o foco estará nos métodos de alfabetização. Estes são caracterizados como "sintéticos (que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra), ou os analíticos, também chamados globais (que têm como ponto de partida unidades maiores da língua, como o conto, a oração ou a frase)." (CARVALHO, 2013, p. 18). Ainda existem propostas mistas, ou analítico-sintéticas, onde procura-se seguir esses dois caminhos citados acima.

É interessante salientar que todos os métodos de alfabetização existentes deram certo com algum sujeito, ainda que esteja pautado em conceitos "estapafúrdios" como diz Carvalho (2013), portanto não existe o melhor método, pois depende do aluno, do contexto em que está inserido, entre outros. Entretanto o professor precisa estar atento ao escolher o método, alguns pontos devem ser considerados, como os objetivos do método, se este não está focado apenas na codificação e decodificação, devendo se preocupar principalmente com a formação de crianças letradas.

Por trabalhar com alfabetização a professora foi questionada quanto a utilização dos métodos, disse trabalhar primeiramente com as vogais, depois os encontros vocálicos, em seguida com a família das consoantes P, M, B, entre outros, por acreditar que as crianças têm mais facilidade com estas, pois os primeiros balbúlios dos bebês começam com essas letras (Exemplo: bubú, mamã, entre outros.). Apesar disso, a partir das observações feitas, percebeu-se que o método utilizado pela professora se aproxima muito dos métodos sintéticos, mais especificamente com a silabação, onde o professor apresenta primeiramente as vogais,

depois os ditongos, depois sílabas formadas com as letras **v,p,b,f,d,t,l,j,m,n**. (CARVALHO, 2005).

Métodos como estes são criticados por seu cunho mecanicista, e despreocupação com o sentido e significado das palavras e frases utilizadas para ensinar. Carvalho (2005) ressalta que os métodos de silabação assim como de soletração "separam decididamente os processos de alfabetização e letramento assumindo o pressuposto, do qual discordo, que a compreensão da leitura vem depois da aprendizagem do processo de decodificação."(p. 24).

O livro didático adotado pela escola é pouco utilizado, sendo o material mais utilizado pela professora a xerox de outros livros didáticos, são folhas e mais folhas de atividades para completar/ligar com as vogais, com as consoantes etc. sob a seguinte orientação: "*vocês tem que pensar para responder! Não pode tentar adivinhar*". Atividades para treinar a escrita e a leitura são importantes, porém quando estas fazem parte de um contexto, como palavras tiradas de um livro que foi lido para a turma, por exemplo, auxiliam a criança a compreender a importância da leitura e da escrita no seu dia a dia. Também é recomendável que a professora considere criar novas tarefas, por estar inserida naquele contexto e conhecer as dificuldades e facilidades da turma, o que deve ser mais explorado ou o que já foi apreendido e pode progredir, sem se prender às cópias de outros materiais didáticos.

Uma boa alternativa é o trabalho com textos, ainda que as crianças não saibam lê-lo estão inseridas em uma cultura onde palavras soltas normalmente não significam nada. São os livros, os textos que apresentam sentido e passam uma mensagem. "Para aprender a ler é preciso conhecer as letras e os sons que representam, mas é também fundamental buscar o sentido, compreender o que está escrito. Os textos podem ser úteis para focar estas duas facetas da aprendizagem: a alfabetização e o letramento." (CARVALHO, 2005, p. 49)

Esta prática proporciona a formação de sujeitos letrados, que veem sentido no conteúdo a ser aprendido. Aprendem a ler ao mesmo tempo que aprendem como um texto é estruturado, por exemplo, onde o professor pode adotar histórias, notícias, poemas, e outros gêneros literários. Esta é verdadeiramente uma prática de letramento. Por isso o professor deve estar atento aos métodos que utiliza, correndo risco de adotar um método que valoriza apenas a leitura e a escrita de maneira mecânica.

### 3.2.3 A organização da sala de aula e sua importância para um contexto letrado.

O trabalho pedagógico que objetiva o letramento, exige uma quebra das tradições, ou seja, até mesmo a maneira que se é organizada a sala de aula deve favorecer a prática. Um espaço amplo, arejado, acolhedor, é importante, entretanto sabe-se que a aprendizagem acontece a todo momento, em todos os lugares. Partindo deste pressuposto o professor pode valer-se da criatividade para transformar a sala de aula que recebeu, ainda que esta seja pequena e sem ventilação, pois é este o espaço que tem naquele momento.

Como o interior de uma relação afetiva, o saber impõe dedicação, confiança mútua e prazer compartilhado. No lugar dessa relação, o tamanho, o arranjo e a localização espacial não importam muito, desde que a partilha seja agradável e justa. Cada um dos envolvidos nessa situação traz o que já tinha para trocar, só que a troca não deve levar a perdas. Por ser uma repartição de bens, todos devem esforçar-se para que cada um fique com tudo. (CORTELLA, 2014, p. 32)

O pensamento filosófico de Cortella é de grande inspiração para a idealização de atividades dentro e fora de sala de aula, onde o aprendizado presente na troca de conhecimentos é objetivo principal na prática docente. De fato o arranjo e a localização espacial não importam muito quando existe o desejo do professor de ensinar e o desejo do aluno de conhecer, entretanto a organização desse espaço favorece a experiência. Por exemplo, carteiras enfileiradas prejudicam a comunicação entre os alunos, ensinam via currículo oculto a ordem mecânica, obediência cega, individualismo, entre outros, limitando a oportunidade de aprenderem uns com os outros, pois o espaço da sala de aula é um instrumento facilitador para a formação dos alunos (TEIXEIRA e REIS, 2012, p. 167). Por serem objetos grandes, as carteiras ocupam bastante espaço da sala de aula, que poderia ser utilizado em outras práticas, estas com mais movimento e liberdade, contudo, esse parece ser o temor dos professores. É preciso compreender que a comunicação entre os alunos não é sinônimo de conversas paralelas, o movimento dos alunos, não é sinônimo de bagunça e a liberdade, não é sinônimo de permissividade.

O espaço físico da sala observada é amplo, porém a quantidade de armários e mesas o torna um pouco apertado (Anexo 1). A sala contém dois armários, uma estante onde os brinquedos são guardados e outra onde ficam os cadernos e livros; dois quadros brancos, um usado nas atividades e outro como mural da turma da manhã; abaixo desse quadro existem números grandes de 0 a 10 com palitos com a quantidade colados abaixo, estes utilizados nas

atividades de matemática; um espelho grande; um escaninho, onde todas as crianças sempre colocam as atividades realizadas, estes marcados com seus nomes; mesas e cadeiras para os alunos, proporcional aos seus tamanhos; mesa do professor; um cartaz grande com todas as letras do alfabeto, escritas em letra de imprensa maiúscula e minúscula, e letra cursiva maiúscula e minúscula; uma janela lateral, o que torna a sala bem arejada, esta pintada com desenhos infantis (turma da Mônica, pássaros, entre outros.); um cartaz Mapa Mundi; um cartaz com números de 0 a 100; um relógio no centro da parede que fica de frente para o professor; um ventilador; um baú com jogos; uma prateleira com livros infantis.

É importante salientar que a prateleira com livros infantis se encontra ao lado de um armário grande onde são guardadas as atividades impressas e alguns materiais como: giz de cera, lápis de cor, massinha de modelar, e outros. Por conta disso esta fica escondida. Ainda que a prateleira seja utilizada apenas para guardar os livros, pois o espaço de leitura é normalmente no fundo da sala, merecia uma melhor localização, onde as crianças pudessem ter uma visão melhor dos livros. Uma boa localização, um ambiente decorado, colorido, aconchegante, passa uma ideia de cuidado para com os livros, e se merece cuidado é porque tem importância. Os mínimos detalhes como uma prateleira bem organizada, em um espaço adequado, onde os livros são expostos de maneira chamativa, faz toda a diferença para um contexto letrado.

Com base nos estudos de Teixeira e Reis (2012) pode-se perceber que o ambiente físico faz parte do contexto letrado, pois "a ação pedagógica do professor reflete-se na organização que faz do espaço da sala de aula" (p. 176), ou seja, um professor que preza o diálogo utiliza a sala em fileiras apenas quando tem o objetivo de expor um conteúdo no quadro, modificando a organização a partir da atividade a ser desenvolvida, não sendo uma organização fixa, considerando a organização em grupos e em círculo como primordial para que os alunos tenham uma boa visualização de seus colegas e possam se comunicar com todos, ou seja, uma maneira de favorecer o diálogo, sendo este essencial na alfabetização, pois as crianças têm tempos de desenvolvimento variados e essa é uma boa oportunidade para construir conhecimento umas com as outras. A flexibilidade do espaço é importante, pois cada atividade planejada pelo professor tem objetivos diferenciados e o espaço físico é um recurso para atingi-los.

As carteiras da sala observada são organizadas na maioria das vezes em fileiras, sob alegação de diminuir a conversa entre as crianças. Muitas vezes mesmo enfileirados,

quando todos os alunos chegam a professora muda-os de lugar, pois normalmente sentam-se ao lado de quem tem mais afinidade. Com essa disposição dos móveis a professora demonstrando uma organização tradicional. Onde todos os alunos devem prestar atenção nela, que está sentada a frente de todos.

A organização do espaço da sala reflete a ação pedagógica do professor, assim como o jeito de organizarmos nossa casa diz da nossa forma de viver. Carteiras enfileiradas e fixas denunciam a não permissão de diálogos, de trocas simbólicas, de confrontos de saberes. A mesa isolada do professor faz supor um distanciamento, uma hierarquia de poder, uma postura de dono da verdade. (VERDINI, s.d.)

Em estudos feitos sobre a educação do século XIX, é possível ver que as cadeiras enfileiradas, bem como as cadeiras individuais tem intenção de possibilitar "[...] maior distância entre os alunos, coibindo, dessa forma, bagunças e desordens. Isolava os corpos, em razão de normas de boa conduta, garantindo a disciplina, o estudo, e a melhor vigilância pelo professor."(ARRIADA; NOGUEIRA; VAHL, 2012). Cortella (2014) em uma entrevista sobre a educação pública do século XXI diz: "Os alunos são do século XXI, os professores do século XX e os métodos utilizados pela escola do século XIX", ou seja, é urgente a reorganização das práticas educacionais, começando, por que não, pela organização das salas de aula. Sendo preferível uma disposição das mesas e cadeiras onde os alunos possam se comunicar, trocar conhecimento e assim aprender uns com os outros. A prática do professor deve conduzir e incentivar o diálogo entre os alunos, não sendo apenas conversas paralelas, pois a prática deve ser atrativa e prazerosa, para assim despertar o interesse da turma.

Remetamo-nos a Padilha (s.d.) ao apresentar o conceito de círculos de cultura de Paulo Freire onde "[...] todas as pessoas participantes de um processo de ensino e de aprendizagem podem pesquisar, pensar, praticar, refletir, sentir, deliberar, ser, plantar, agir, cultivar, intervir e avaliar o seu fazer, num movimento permanentemente dialógico." (PADILHA, s.d., p. 1). A sala de aula como ambiente de letramento, não dispensa o uso das cadeiras, mesas e a presença de um professor, todas essas coisas citadas existem, porém são organizadas e vivenciadas de maneiras diferentes. As carteiras ao invés de formarem fileiras poderiam formar círculos, que proporcionam uma maior interação entre as crianças, podendo favorecer até mesmo a observação de toda a turma pelo professor. O professor se colocando em posição de mediador e não de dono absoluto do conhecimento.

### 3.2.4 A rotina proposta pela professora e suas implicações na formação de sujeitos autônomos.

O livro do Eclesiastes sugere: "Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus." (Ecl 3,1). É possível fazer uma ligação deste versículo bíblico com as práticas educacionais minimamente cronometradas, que colocam a educação dentro de um calendário e tudo o que foge dos planos está errado. Uma pergunta muito insistente encontrada no curso de Pedagogia é: "Existe tempo para aprender? Qual é a hora de se começar a ensinar?".

A sociedade contemporânea vive uma corrida constante contra o tempo, vive sem tempo, e acredita que qualquer momento que se passe sem exercer alguma atividade é perda de tempo. Da escola os pais esperam atividades de casa que preencham o tempo que a criança está fora de sala, para que não os perturbe com a bagunça comum de quando não tem o que fazer, ou porque, no caso das escolas particulares, estão pagando para que seus filhos aprendam, e não existe aprendizagem se não for pautada em folhas e mais folhas de atividades em sala de aula e domiciliares. Este é aparentemente o pensamento da maioria dos pais.

Certa vez ao ser questionada sobre a qualidade do ensino da professora observada, uma mãe respondeu: "*Essa escola é muito boa, todo dia tem dever de casa, os meninos não ficam sem o que fazer, estudam em casa também e aprendem fora da escola.*". O conceito de aprendizagem parece estar frequentemente ligado à escola, sala de aula, professor, aluno, desconsiderando que se aprende em todos os lugares, dentro e fora das instituições de ensino, com todas as pessoas, sejam eles pais ou alunos, todos ensinam e aprendem, sendo este um processo de troca e não de aceitação passiva, onde apenas o professor é responsável pelo ensino e aprendizagem. O professor é o principal responsável no processo de aprendizagem, bem como aquele que deve dar início à relação professor-aluno, entretanto estas são experiências onde o aluno também é participante ativo, ou seja, esta é uma relação recíproca.

No momento em que o professor reconhece o aluno como participante do processo de aprendizagem considera também que este é sujeito, que tem necessidades:

[...] os alunos têm necessidades, embora não tenham uma consciência clara delas e não as expressem, e até presumam não tê-las. Nós, professores, seremos eficazes na medida em que levarmos em conta essas necessidades. Essas não podem reduzir-se à necessidade de ser aprovada na matéria; é algo mais profundamente humano. (MORALES, 1999, p. 53)

Quando o professor propõe uma rotina de trabalho, seria necessário considerar as necessidades dos alunos, uma rotina flexível, aberta a mudanças, com atividades variadas seria ideal no momento da alfabetização, principalmente quando considera-se a perspectiva do letramento. O tempo cronológico existe para que possamos organizar as atividades, na escola não seria diferente, entretanto não é possível mensurar e precisar o momento, quantidade e qualidade do aprendizado de cada criança, pois aprende-se a todo momento, por conta disso o professor deve estar atento à sua prática, pois a aprendizagem não acontece apenas quando as atividades de leitura, por exemplo, começam, a aprendizagem começa em casa quando o pai ao arrumar o filho para ir a escola o ensinou a amarrar o cadarço do tênis, quando no caminho para a escola o pai mostrou a criança um passarinho, uma árvore, um carro, o ensinou a dar sinal para que os carros parem e ele possa atravessar a rua, entre outros, ou seja, como já foi mencionado, a aprendizagem acontece a todo momento e em todos os lugares.

A professora da turma observada segue uma rigorosa rotina de ensino, o que é diferente de um planejamento de ensino diário. Na turma em questão as coisas em sala acontecem sempre na mesma ordem, no mesmo horário. Este estudo não pretende criticar a rotina, pois ensinar as crianças que devem ter compromisso com horários, não é um comportamento ruim. Porém, é preciso ter cuidado para não marcar a hora certa de aprender como já foi dito. A rotina seguida pela professora mostra que matemática se aprende em um horário, português se aprende em outro, se tudo conseguir ser realizado conforme o planejado sobra tempo para fazer um desenho.

A rotina seguida todos os dias é a seguinte:

- 1 Chegada e acomodação nas cadeiras/mudança de lugar se necessário.
- 2 Calendário: atividade feita com todos os alunos em volta de um calendário confeccionado pela professora, onde a professora mostra a data do dia e cantam a seguinte música: "Minha semana é muito animada, todos os dias eu vou estudar, segunda, terça, quarta, quinta e sexta, sábado e domingo eu posso brincar. Segunda, terça, quarta, quinta e sexta, sábado e domingo. Minha semana é muito legal, legal. Cantemos felizes a canção do dia, hoje é \_(nome do dia da semana)\_ dia de alegria, a todos boa tarde, o meu canto diz, que o dia de hoje, será bem feliz. Alegria, tudo é alegria, a tristeza foi embora, alegria é que mora, alegria nessa sala, do começo até o fim, alegria pra você não diga não, mas sim!". Após a canção todos

escrevem em seu caderno a data em um calendário em tamanho grande que foi colado pela professora.

- 3 Entrega de deveres de casa
- 4 Atividades de Português
- 5 Lanche
- 6 Intervalo
- 7 Momento do relaxamento
- 8 Leitura de historinha
- 9 Atividade de Matemática
- 10 Desenho ou disponibilização dos brinquedos do baú (se sobrar tempo)

A rotina apresentada acima, como foi dito anteriormente, é seguida rigorosamente todos os dias. Causando certa dependência dos alunos para com a professora, pois todas as atividades são feitas a partir do aval e permissão dela, até mesmo se um aluno liga a luz antes de sua ordem a frase: "quem mandou você fazer isso?" aparece. Os alunos já estão condicionados a essa rotina, um bom exemplo a ser dado foi em uma ocasião em que a professora chegou atrasada, a coordenadora da escola ficou responsável pela turma. As crianças ensinaram toda a rotina, diziam: *"Tia, primeiro você tem que fazer o calendário e aí cantamos a musiquinha. Aí você pega os cadernos na prateleira e dá pra gente escrever no caderno a data."*

Os alunos não estão acostumados com mudanças, com novidade, as atividades não os surpreende, já chegam na escola sabendo o que será feito e como será trabalhado. As descobertas foram deixadas de lado, o que nem de longe é bom para o seu desenvolvimento. Soares (2010) ressalva que a alfabetização deve ser trabalhada em um contexto de letramento onde a descoberta e a construção individual e coletiva são priorizadas, e o professor é aquele que apresenta e orienta. Nesse caso a professora impõe a atividade, espera determinadas respostas que não podem mudar, e que devem ser as mesmas para todos os alunos.

### 3.2.5 Atividades realizadas em sala de aula e suas contribuições na formação de sujeitos letrados.

A postura do professor, a organização da sala de aula, e todos os pontos aqui abordados são fundamentais na formação de sujeitos letrados, entretanto tudo isso será em vão se as atividades do professor forem baseadas em uma educação tradicional que prioriza a



repetição para reprodução de conteúdos. Cabe ressaltar que os conteúdos são importantes, as disciplinas propostas pela escola são fundamentais na vida dos sujeitos, o que aqui se procura analisar é a maneira como esses conteúdos imprescindíveis são trabalhados.

O conteúdo que o profissional da educação é responsável por ensinar as crianças é proposto por uma instância superior a ele, contudo o professor, principalmente de escola pública, é livre para exercer sua prática da maneira que achar mais conveniente e adequado. Sendo assim nada o impede de organizar suas aulas objetivando o letramento.

Não é preciso que a sala mude de lugar, que as cadeiras sejam todas jogadas fora, que o professor se vista de palhaço e deixe que as crianças façam o que quiserem dentro de sala, muitos pensam que mudança de prática é isso. Às vezes é preciso apenas mudar o tom de voz, mudar o olhar, fazer do trabalho docente algo prazeroso e não um fardo.

A criação e a recriação do conhecimento não estão apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas. Quando o educador exala gosto pelo que está compartilhando, ele desperta o interesse no outro. Não necessariamente o outro vai apaixonar-se por aquilo, mas aprender o gosto é parte fundamental para passar a gostar. (CORTELLA, 2014, p. 32)

Segue diário de campo do primeiro dia de observações e demais atividades utilizadas pela professora no decorrer das observações juntamente com análises, quando necessário, onde será possível compreender o que se espera de uma formação para o letramento.

### 3.2.6 O olhar do pesquisador descrito nos diários de bordo.

Primeiro dia de observação: 18 de março de 2014

O meu primeiro dia foi um tanto tranquilo, entretanto as crianças estavam bem agitadas, sendo necessário que a professora as advertisse a todo momento. As atividades começaram com uma música em sala, onde todos cantam e se cumprimentam com um abraço e um desejo de "Boa tarde". Nesse momento também fui apresentada a turma como Tia Kris. Todos estavam bastante curiosos para saber se eu seria uma nova professora ou se era "filha da tia", depois de uma breve apresentação todos foram para perto de um calendário de papelão e plástico onde as datas são móveis e a cada dia a data é "revelada". Nesse dia em especial

foram preenchidos dois dias (dia 18 e 19/03), pois quarta-feira é dia de Escola Parque. Todos cantam a música do calendário que trás o dia da semana, e a data, após a música a professora repete o que foi cantado para que a crianças fixem a data, depois todos vão para suas respectivas cadeiras e escrevem a data em uma espécie de tabela, que ao longo do tempo vai se transformando em um calendário. Além de escrever a data a criança é orientada a desenhar nesse mesmo quadrinho o clima do dia, pintam o sol, a chuva, nuvens se o tempo estiver nublado.

As músicas, a utilização e produção do calendário aconteceram em todos os dias das observações. Esta é uma prática de grande valia, pois situa as crianças no sistema utilizado para marcar os dias, o calendário, sendo também uma oportunidade para treinar os números que estão aprendendo, ainda que chegue no máximo ao 31 o calendário permite que as crianças aprendam a se organizar na semana, por exemplo, percebendo que os dias são numerados, e normalmente 31 dias formam 1 mês, sendo que 7 dias formam uma semana, e em um desses dias (quarta-feira) vão para a Escola Parque. Sendo assim este recurso auxilia no desenvolvimento da noção temporal na criança. A professora também pede para que desenhem como está o clima no dia, também esta é uma prática positiva, onde as crianças devem observar o meio que muitas vezes passa despercebido, além disso desenvolvem a noção de clima, ou seja, a geografia está trabalhando em conjunto com a matemática do calendário, sendo um recurso que envolve dois conteúdos importantes.

Após essa atividade a professora pediu para que os alunos pegassem os livros de português e deu uma rápida explicação sobre a mudança que pode acontecer em uma palavra com a modificação de apenas uma letra. Por exemplo: **Ana** - ano; **ama** - ema - **uma**; **bolo** - bola. Ainda que a professora utilize o livro didático em sala de aula este não é seu recurso principal, nem mesmo guia seu trabalho pedagógico, sendo que o livro se adéqua ao planejamento da professora de maneira não sequencial, ou seja, as unidades propostas pelo livro não são seguidas, sendo as atividades utilizadas quando necessário. O livro didático é um instrumento proposto para encaminhar, contudo como já foi mencionado o professor tem liberdade para exercer sua prática, ainda que a escola exija que o livro esteja respondido no final do ano, o que foi relatado pela professora, esta deve utilizar este de maneira que favoreça a sua prática.

Após a explicação a professora pediu para que eu entregasse um exercício de fixação do conteúdo. O curioso é que ao entregar o exercício a professora pediu para que uma

das alunas colocasse sua cadeira ao fundo da sala. A criança me chamou e disse: "Tia, sabe por que a professora me colocou aqui atrás?" - eu respondi dizendo que não, a criança explicou: "é que já sei ler e para os meus colegas não copiarem as minhas respostas a professora me coloca aqui". A criança se mostrou bastante orgulhosa por isso. Em uma organização de sala em pequenos grupos ou em círculo este comportamento da professora provavelmente seria diferenciado, pois nesse modelo de sala os alunos mais desenvolvidos em determinados saberes ensinam aos outros colegas, não sendo este um motivo para vanglorias ou desprezos. Colocar a criança mais desenvolvida separada dos demais pode criar situações como: as outras crianças acreditarem que ela é melhor que os outros, podendo causar exclusão da colega no círculo social; criar na criança um sentimento de superioridade, podendo esta também excluir os colegas por achar que "sabem menos". Na perspectiva do letramento é recomendável que crianças que estão em um processo de alfabetização mais adiantado que as outras recebam novos desafios para que a escola não se torne algo chato e entediante, dar-lhe uma missão de auxiliar, por exemplo, novamente pensemos na Escola da Ponte, onde os alunos que já dominam determinado conhecimento ensinam as outras, e assim aprendem umas com as outras, sendo uma prática que segundo Alves (2004) desenvolve não só a parte intelectual, mas também ética quando incentiva o comportamento de ajudar o próximo.

Depois todas as crianças receberam fichas com seu nome completo, onde de um lado está escrito com letra de forma e o lado oposto com letra cursiva. Enquanto algumas crianças tinham bastante dificuldade para escrever o nome (copiar da ficha) a criança colocada ao fundo da sala já havia terminado o exercício, mesmo sem a professora tê-lo explicado.

O exercício se tratava de vários desenhos com seus nomes ao lado para que a criança completasse as vogais. Palavras como: ema, bule, tatu, índio, urubu. Acima da atividade tinha uma tabela, e acima de cada quadrinho para completar um símbolo acima, a criança deveria inferir a dica para colocar a letra. Tratava-se de uma tabela como a do exemplo:

○	□	△	☆	⊕
A	E	I	O	U

Fiquei responsável por ajudar dois alunos, que aqui serão chamados de x e y. O x é um menino de 6 anos que nunca tinha frequentado a escola e tem bastante dificuldade para escrever seu nome e identificar as letras e sílabas. Fui trabalhando sílaba por sílaba das

palavras com ele, frisando bem os sons das vogais para que ele reconhecesse como deveria completar. Já o y tem dificuldade com o nome, porém aparentemente conhece bem a letra U, a família do U e do A. Sempre que era solicitado completar com alguma dessas vogais ele acertava de primeira. Porém quando se referia as outras vogais ele ficava testando: "é essa tia? É o a? é o e? é o i tia?", contudo com insistência e paciência ele conseguia responder corretamente.

Soares (2014) sugere novas maneiras de ensinar a língua portuguesa, de início se remete às perspectivas antigas para mostrar o contraste entre elas, dando maior enfoque à Psicologia Associacionista, que defendia "um sujeito dependente de estímulos externos para produzir respostas que, reforçadas, conduziram à aquisição de habilidades e conhecimentos linguísticos [...]" (p. 103). Uma atividade de completar com vogais palavras descontextualizadas, fazendo parte do padrão adotado onde todas as atividades são de completar, ligar, encontrar, sempre dependendo do estímulo da professora (aula/explicação), reforçado nas atividades objetivando que as crianças aprendam a ler e escrever é uma perspectiva associacionista, a professora apresenta as vogais à frente da turma, passa uma atividade para exercitar as vogais e considera que as crianças necessariamente vão aprender. Já em uma nova perspectiva de alfabetização e letramento o aluno é "sujeito ativo que constrói suas habilidades e seu conhecimento da linguagem oral e escrita em interação com os outros e com a própria língua, como objeto de conhecimento." (p. 103).

Ao voltar do recreio as luzes da sala estavam todas apagadas e as crianças deveriam sentar em silêncio e abaixar a cabeça para descansar. A professora se estressa muito nesse momento, pois as crianças sentiam necessidade conversar, falar o que fizeram no recreio e estavam agitados, pois passaram todo tempo correndo/pulando/brincando. Em um contexto letrado seria interessante que a professora utilizasse a energia das crianças, ao virem do recreio, propondo atividades que satisfizesse a vontade de falar sobre o que fizeram no intervalo. Uma roda de conversa onde todos pudessem falar e se ouvir seria uma boa atividade. Se o objetivo é que as crianças relaxem e consigam se concentrar, isso aconteceria no decorrer da dinâmica, sem ser chato para os alunos nem estressante para a professora. É importante salientar ainda, que o diálogo é um dos instrumentos principais para o letramento, pois as crianças aprendem umas com as outras, se conhecem melhor, desenvolvem sua oralidade, aprendem a se expressar na frente dos colegas e a respeitá-los quando falam.

Um dos alunos entrou comendo do intervalo e a professora o repreendeu severamente, gritou, pegou a criança pelo braço para jogar a comida fora alegando não ser a hora do lanche. Morales (1999) ressalta que "Tudo é relação, boa ou má, na sala de aula" (p. 107). Com isso é possível compreender que as relações boas, bem como as ruins, deixam marcas nos indivíduos, ainda que sejam momentâneas, de caráter físico ou não, deixam marcas, e algumas dessas marcas podem perdurar para sempre na memória. Lembranças que acompanham o indivíduo, por isso o professor precisa se esforçar para que sua relação com o aluno seja o mais positiva possível, pois como professor ele pode estar representando mais que "uma pessoa que me dá aula", pode estar representando a escola, causando uma empatia da criança com a escola, com os estudos.

Após a "hora do relaxamento" é chegada a hora da história, onde todos sentam-se aglomerados no chão aos pés da professora, que está sentada em uma cadeira ao fundo da sala. Nesse dia em especial foi lida a história do patinho feio. A professora lia a história e a cada página mostrava as ilustrações às crianças, não admitindo que os alunos conversassem ou fizesse perguntas enquanto ela lia. Por conta disso a leitura é interrompida diversas vezes com gritos de repreensão da professora para com os alunos, fazendo ameaças de tirá-los de sala ou colocá-los sentados de volta nas cadeiras. Ao final da leitura a professora procura promover a interpretação do texto, com perguntas como: o diferente é feio? Somos todos iguais? Por que não gostavam do patinho?

Um dos objetivos de um contexto letrado é a formação de leitores, proporcionando, portanto a boa relação das crianças com os livros. A professora na sala de alfabetização é a mediadora desse processo, pois as crianças ainda estão se apropriando do código da escrita. Com isso é recomendado que esta apresente o mundo da leitura de maneira chamativa, transmitindo os prazeres desta prática.

Através do ato de ouvir histórias, a criança recebe muitas informações como som, pronúncia, ideias, inspirações, enfim, estímulos para seu desenvolvimento cognitivo. A curiosidade e o interesse em descobrir e conhecer o novo através do contato com os livros/com a leitura pode ser despertada. (WESSELING e LACHMANN, 2011, p. 3225).

Uma leitura convencional, onde a professora conta a história e as crianças permanecem passivas, sendo apenas ouvintes, não é a melhor opção para a formação de sujeitos letrados. Sugere-se, portanto uma leitura dialética, ou seja, aberta ao diálogo, onde os alunos participam ativamente. Seguem alguns pontos positivos da metodologia de leitura proposta por Wesseling e Lachmann (2011):

O adulto começa ativamente na contação da história (faz perguntas, pede comentários, opiniões) tornando-se passivo; A criança é agente ativa; Constante interação entre adulto e criança; Comentários, perguntas das crianças são desejadas, estimuladas e correspondidas. (p. 3227)

Nessa metodologia a criança desenvolve seu pensamento crítico, sua oralidade, tendo possibilidade até de tornar-se coautor do livro. O professor procura incentivar a fala e a expressão de opinião, não precisando exigir silêncio e perder a paciência com os alunos. Quando estes se sentem participantes têm mais motivos para prestar atenção e se concentrar na atividade proposta.

Logo depois da história a professora apresentou o número 8 para as crianças com uma breve explicação. Todos voltaram para seus lugares e receberam um número oito bem grande para colorir, sendo esta uma técnica utilizada para que as crianças memorizem o signo que representa a quantidade 8, o número. É importante salientar que na sala havia um quadro onde estava escrito os números de 0 a 100, no decorrer das observações a professora fez um "teste" com os alunos, individualmente eles deveriam falar os números de 0 a 100 em voz alta, e todos conseguiam, ou seja, conheciam até 100. Porém a atividade do número 8 desconsiderou esse saber, persistindo em um conhecimento que já é dominado pelas crianças, o que a torna sem objetivo, deixando de lado a oportunidade de explorar conhecimentos novos para as crianças, sendo esta uma maneira até mesmo de mostrar aos alunos que acredita neles, que acredita que eles estão em constante desenvolvimento e podem aprender sempre mais. Porquê pintar o número 8 se já sabem contar até 100? Morales (1999) apresenta a relação professor-aluno como algo multidimensional, onde o professor estimula, motiva, considera as necessidades e conhecimentos já adquiridos pelos alunos, e isso conseqüentemente traz resultados satisfatórios.

A prática da professora se repetiu durante os 18 dias de observação. Todos os dias as atividades seguiam a mesma linha, ainda que os conteúdos mudassem, a ordem era a mesma. No dia descrito acima foi trabalhado o calendário/clima, que é prática diária; vogais e interpretação da historinha do patinho feio que foi contada; numeral 8.

Como foi possível observar as vogais já haviam sido apresentadas aos alunos, estes já faziam atividades relacionadas a elas. Infelizmente estas atividades eram formadas por palavras sem significado para as crianças. Não favorecendo assim a formação de crianças letradas. A historinha, que também é contada todos os dias, deveria ser melhor explorada, considerando a leitura dialética como metodologia. Por que não trabalhar com as palavras da

própria história nos exercícios? Por que matemática precisa ter horário separado de português, sendo que o trabalho pode ser feito interdisciplinarmente, considerando ainda os personagens da história, por exemplo?

Voltando para a rotina, percebe-se pela ordem de execução das atividades de português a utilização do método sintético de silabação:

**20/03:** Vogais (figura e espaço para colocar a inicial da palavra, abaixo da atividade uma linha para treinar as vogais em letra cursiva).

**25/03:** Vogais (figura e espaço para colocar a inicial da palavra, abaixo da atividade uma linha para treinar as vogais em letra cursiva).

**27/03:** Vogais (figuras e espaço para colocar a inicial da palavra)

**28/03:** Vogais (completar as sílabas das palavras com as vogais. Ex: bolo, casa, bule, copo, dado, cama, faca, mola, pato etc.)

**01/04:** Revisão das vogais (no quadro) e apresentação dos encontros vocálicos, para isso a professora disse que as sílabas dariam as mãos: A+I = ai. Foi realizado um "jogo", meninos contra meninas para lerem os encontros vocálicos do quadro: ai-ui-au-oi-eu-ei-ia (depois atividade na folha para escrever as expressões nos balõezinhos do dever conforme a cena).

**03/04:** Encontros vocálicos (ditado, a professora falava os encontros vocálicos e as crianças iam escrevendo no caderno/ dever na folha para escrever os encontros vocálicos).

**04/04:** Encontros vocálicos (leitura coletiva/ jogo no quadro para as crianças lerem individualmente/ dever no caderno para escrever os encontros vocálicos)

**08/04:** Apresentação da letra P, família silábica, junção com os encontros vocálicos (apresentação da letra P colado em um palito, assim como as vogais. Cada criança segurava um palito e eles iam formando palavras como: pai, pão etc./ atividades dos encontros vocálicos no caderno).

**10/04:** Palavras com P (as crianças iam falando palavras com P e a professora escrevendo no quadro, depois eles copiaram no caderno).

**15/04:** Encontros vocálicos (dever na folha em letra de imprensa e cursiva)

**17/04:** Palavras com P e encontros vocálicos (ditado no quadro: Au-pipa-ia-papai-eu-pé-pão-ei-ui-ai-pião-pá-oi. As crianças tinham que ler individualmente. A leitura também foi tomada individualmente na mesa da professora, as crianças tinham que ler palavras como: papai, papão, pó, pai, pé, papo, pau, pão.)

**22/04:** Palavras com P e sobre a páscoa (copiar no caderno as palavras do quadro e criar frases com P no caderno)

**24/04:** cópia de uma receita no caderno

**25/04:** som da letra P, leitura e cópia de palavras no quadro (pá, pia, papai, pé, pipa, pó, pião, pão, papo, upa, opa, pau, pai).

**28/04:** Palavras com P (jogo no quadro meninos contra meninas para lerem as palavras com P no quadro/ autoditado: as crianças receberam uma folha com imagens cujos nomes começam com P, na outra coluna tem os nomes dos objetos, elas deveriam ler sozinhas e ligar o nome ao objeto).

**29/04:** Palavras com P (completar os espaços com sílabas da família do P, exemplo: (espaço) A = pia/ Jogo no quadro de palavras com P).

Carvalho (2005) propõe que ao escolher um método de alfabetização as professoras estejam atentas em ver se esse método se preocupa em alfabetizar letrando, em que sujeito pretende-se formar, aquele que apenas codifica e decodifica ou aquele que faz uso dos conhecimentos na vida cotidiana. Existindo ainda a necessidade de motivar as crianças a gostarem de ler. Infelizmente este sentimento não é passado nessa turma, mesmo que todos os dias a professora conte uma história infantil para toda a turma, esta não é devidamente contada e explorada. Soares (2013) defende a leitura de histórias infantis na alfabetização, bem como em todos os níveis da educação infantil, contudo esta não deve ser lida de qualquer maneira, devendo-se atentar as entonações, expressões e maneiras de despertar a curiosidade e desejo pelo mundo da leitura.

É preciso lembrar-se da pedagogia Freiriana, onde o sujeito é ativo e conseqüentemente participante e responsável pelas modificações do meio. É preciso que o professor reconheça seus alunos como pessoas que precisam conhecer desde cedo o mundo em que vivem, conseqüentemente seus direitos, para assim crescerem e se tornarem cidadãos críticos. Considerar temas atuais, diversos gêneros textuais, trabalhar a expressão tanto oral



como escrita são fundamentais no início da escolarização. Soares (2013) continua seu argumento dizendo que muitas vezes as pessoas não reconhecem a diferença que simples atitudes podem causar, os diversos gêneros textuais em sala de aula, por exemplo, trabalhando as formas de escrita mais diferentes, trazer para a escola, mesmo de camadas populares, gêneros que a maioria desconhece, como por exemplo: convite de casamento, jornais, receitas e outros gêneros textuais.

Nas 90 horas de observação foram presenciados apenas dois momentos onde práticas diferenciadas foram utilizadas. Estas no dia 24/04 (Anexo 2), quando em comemoração aos aniversariantes do mês de abril a professora organizou uma festa, e os brigadeiros foram feitos em sala, trabalhando inicialmente medidas e grandezas quando os ingredientes eram acrescentados, e após a festinha todos lembraram juntos a receita, e na medida em que iam falando a professora ia escrevendo no quadro, depois todos copiaram em seus cadernos. Já a segunda prática diferenciada foi no dia 20/03, quando a professora passou uma atividade para casa onde os pais auxiliariam seus filhos a escreverem as medidas do seu corpo, por exemplo: altura, peso, tamanho do pé, idade. Depois que as informações de todos estavam no quadro fizeram uma comparação, para saber quem era o maior da sala, o mais gordinho, o mais velho, o que tinha o pé maior, entre outros. É possível perceber que atividades como essas envolvem toda a turma, não significando que todos os dias a professora precise fazer brigadeiro em sala de aula, porém a criatividade docente deve ser usada, uma mesma prática todos os dias se torna cansativo não só para as crianças, mas para o próprio docente.

As atividades de matemática sempre eram trabalhadas no segundo horário, com atividades na folha, resumiam-se aos números de 0 a 10 até então, porém os alunos que já sabiam números maiores, ao término das atividades, que eram de escrever consecutivamente, ligar ou completar as sequências, poderiam continuar escrevendo até onde sabiam (exemplo de atividade em Anexo 3). As atividades de adição também foram introduzidas, porém uma única vez em material concreto, quando a professora utilizou o "tapetinho" (trata-se de um Q.V.L, onde existem 3 casinhas, uma de centena, outra de dezena e outra de unidade, com palitinhos denominados: amarradão, amarradinho e soltinhos; onde os alunos fazem operações matemáticas), as outras vezes que a adição foi trabalhada da maneira tradicional, na folha, e a maioria das crianças tinha bastante dificuldade por não ser um material concreto.

Atividades de geografia e história também foram trabalhadas, porém sem muito enfoque. Assuntos como: seres vivos e seres não vivos foram trabalhados através de colagem. As crianças pesquisavam em revistas representações deste tema e colavam no caderno de desenho. Outros temas trabalhados foram as profissões, por conta do dia do trabalhador, assim como o dia do índio (todos com desenhos e colagens) e o aniversário de Brasília, onde todos cantaram o hino da Capital e fizeram a representação do Congresso Nacional com palitos de picolé. São propostas que poderiam ser trabalhadas interdisciplinarmente, aproveitando textos e datas comemorativas como estas para elaborar atividades de alfabetização contextualizadas, ou seja, na perspectiva do letramento.

A relação do professor com a docência influencia na maneira como esse professor vai propor atividades, se serão apenas atividades de codificação e decodificação, se estará preocupado com a formação de sujeitos letrados ou não, se vai considerar a afetividade em sala de aula importante não. O professor que compreende a docência como apenas uma forma de ganhar dinheiro, não se comprometerá com a aprendizagem das crianças, já o professor que reconhece a importância da sua profissão, e se compromete com seus alunos, procura fazer da sala da escola ambiente prazeroso, aguçar o desejo de aprender até mesmo em gestos mínimos de carinho e afetividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: A URGÊNCIA DO CONTEXTO LETRADO NAS ESCOLAS**

Em uma sociedade grafocêntrica a leitura e a escrita são valorizadas, de maneira muitas vezes a esquecer da qualidade desse processo. A alfabetização às vezes é feita fora de um contexto letrado, apenas com o objetivo de codificação e decodificação, sendo que existe uma cumplicidade entre alfabetização e letramento. Morais (2009) ressalta que o letramento surgiu pela necessidade de uma "alfabetização multidisciplinar", pois a alfabetização exercia um papel mecanicista, sem apresentar a importância que a leitura e escrita tem no meio social desconsiderando também os conhecimentos prévios dos alunos, quando se ensina a todos da mesma forma, ou não se preocupa em diagnosticar o nível de conhecimento das crianças, com o teste da psicogênese, por exemplo, sugerido por Emilia Ferreiro (2008).

Algumas escolas ainda se preocupam apenas em alfabetizar e não em tornar as crianças sujeitos letrados. Contudo a alfabetização está dentro do letramento, sendo este o contexto que faz da codificação/decodificação uma prática social compreensiva. Um indivíduo letrado segundo Carvalho (2005), é um sujeito ativo, que usa a linguagem para se comunicar e entender o mundo. Nem sempre um indivíduo alfabetizado é letrado, assim como, nem todo indivíduo letrado é alfabetizado, as duas propostas são interligadas, mas ao mesmo tempo independentes uma da outra. O alfabetizado domina o código, a representação das letras, o letrado modifica o meio social e é modificado por esse saber (SOARES, 2010).

À escola cabe favorecer e incentivar o letramento, uma perspectiva que engloba valores, sendo assim é importante uma postura imparcial da instituição e do professor quanto a crenças, costumes, política, entre outros, sendo recomendável a apresentação de uma visão geral e apartidária. A escola como ambiente de aprendizagem, também transmite conhecimentos culturais. Na perspectiva do letramento, a diversidade cultural é trabalhada objetivando mais que o conteudismo, a formação de sujeitos que compreendem a diversidade como algo positivo.

Temas como a cultura podem ser trabalhados de maneira transdisciplinar, ou seja, na alfabetização por meio de histórias e explanação de conteúdos relacionados. A escrita também é uma construção advinda da organização da sociedade, portanto faz parte da cultura, utilizar histórias que contam fatos marcantes para a sociedade onde a criança vive, por exemplo, que lhe desperte o interesse e utilizá-las como base para a criação das atividades de

sala, é um exemplo de prática para o letramento, pois valoriza mais que a gramática (MORAIS, 2009).

Práticas objetivando o letramento não precisam acontecer apenas na sala de aula. Quando o trabalho do professor acontece concomitantemente com o incentivo e até auxílio da família existem maiores chances de êxito. No caso da alfabetização o gosto pela leitura, por exemplo, deve ser aguçado em sala de aula e em casa, formando assim um trabalho conjunto. Porém, o enfoque maior é na escola, principalmente na prática do professor e sua relação positiva com seus alunos, favorecendo o desenvolvimento, pois o ser humano necessita das relações para apreender o mundo, baseando-se na perspectiva sociocultural proposta por Vigotski (2007), em que o sujeito aprende a partir de sua comunicação/interação com o outro/cultura. Na escola cabe ao professor mediar, considerar os saberes já adquiridos pelos alunos e os auxiliar a chegar aos conteúdos que ainda não dominam, sendo esta uma relação ativa, onde o aluno, professor e meio fazem parte da construção do conhecimento, marcado pela relação que o docente tem com seu aluno, pois a sala de aula é vista como lugar de relações, onde a intervenção pedagógica acontece dentro destas relações.

Podendo essa relação professor-aluno acontecer de forma direta e indireta, sendo relevante no ensino dos conteúdos, pois o professor está à frente da turma e serve como modelo, podendo influenciar no interesse dos alunos pelo conteúdo a ser trabalhado. Por conta disso uma relação onde a afetividade está presente se torna diferenciada de maneira positiva. Muitas vezes a autoridade é tida como oposto da afetividade, porém se não exercida em excesso, onde o professor trata o aluno como inferior a ele, estes podem caminhar juntos, a afetividade e a autoridade no que Morales (1999) denomina "autoridade liberal".

A afetividade juntamente com a autoridade bem exercida pelo professor, favorece o letramento como processo de desenvolvimento das funções da leitura e da escrita, pois os alunos sentem-se confiantes por conta da afetividade e seguros vendo o professor como auxílio quando exerce sua autoridade, e não como chefe. A afetividade também engloba a relação do professor com sua profissão, pois para ensinar de maneira significativa gostar é fundamental. Não que o professor seja obrigado a gostar de uma matéria que tem empatia, ou de todas as disciplinas, pois é sujeito e tem suas particularidades, mas é recomendável que encontre maneiras de mostrar aos alunos a utilidade dos conteúdos, para que alimente assim a vontade de aprender nos alunos.

Toda essa importância do letramento e da relação professor-aluno apresentada nesse estudo perpassou meu curso de Pedagogia. Ao entrar na escola, por ocasião do projeto 4, e perceber que a prática docente em relação ao letramento não tem sido bem compreendida pelos professores, alimentou a vontade de conhecer mais o tema e entender se é possível ou apenas utopia a perspectiva do letramento. Com essa pesquisa pude perceber que de fato é possível uma prática docente diferenciada, comprometida com a formação de sujeitos críticos, escritores de sua própria história, autônomos. Sendo a boa relação do professor com seus alunos fundamental para o letramento, pois o docente é constituído por sua prática, e esta é formada pela maneira como este exerce a docência, refletindo portanto nas atividades que propõe em sala e na maneira como trata os alunos.

O objetivo geral desse estudo versava sobre em que medida a boa relação do professor com seus alunos influencia no desenvolvimento do letramento, sendo assim através deste estudo constatei que para que o letramento aconteça é necessário um ambiente que favoreça a aprendizagem: acolhedor, seguro, flexível, entre outros, sendo o professor principal responsável pela construção desse ambiente, que começa na maneira como este trata seus alunos, seus comportamentos em sala, sua postura, didática, entre outros, ou seja, sua relação direta e indireta com seus alunos.

Já os objetivos específicos buscavam: verificar a prática docente do professor alfabetizador na formação de sujeitos letrados. Sendo este objetivo específico realizado através do estudo de caso, onde foi possível perceber que a prática docente tem papel fundamental na formação de crianças letradas; identificar atividades realizadas pela escola, especialmente pelo professor, para a formação de alunos letrados. Sendo este objetivo específico desenvolvido através das análises das atividades trabalhadas em sala pela professora observada, onde foi possível perceber que práticas inovadoras, que prezam o diálogo e consideram os saberes dos alunos como relevante, estando presentes no contexto de sala de aula que visa o letramento; identificar a postura do professor com seus alunos que auxilia ou não o desenvolvimento da aprendizagem, especificamente o letramento. Sendo este objetivo desenvolvido neste estudo através das observações e relatos retirados do diário de bordo feito no estágio supervisionado, percebendo a partir de então que uma postura atenciosa e amável transmite segurança às crianças contribuindo para sua aprendizagem; verificar quais os pontos positivos da afetividade em sala de aula e suas contribuições para o letramento. Chegando a conclusão de que a afetividade está presente na boa relação professor-aluno, em

atitudes e posturas positivas do professor, transformando o ambiente escolar em local prazeroso de aprendizagem.

Este estudo foi de grande importância para a minha formação, mostrou-me que a realização do letramento é possível e urgente nas escolas. Sendo preciso uma mudança nas práticas pedagógicas do professor, bem como na postura desse profissional para com seus alunos, deixando de lado os pensamentos que o fazem acreditar que é dono do saber, e as crianças devem decorar e repetir o que ele ensina, chegando à visão de que os alunos precisam contribuir no processo de construção da aprendizagem ativamente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação Educar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A alegria de ensinar**. Ed. ARS poética, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Escola da Ponte**. Campinas: Correio popular, 2000. Disponível em: [http://www.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo\\_texto\\_rubem\\_alves\\_a\\_escola\\_com\\_que\\_---\\_existir.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo_texto_rubem_alves_a_escola_com_que_---_existir.pdf) . Acesso em: 17 nov. 2014.

ALMEIDA, Mário de Souza. **Elaboração de projeto, TCC, dissertação e tese**. São Paulo: Ed. Atlas, 2014.

ARRIADA, Eduardo. NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. VAHL, Mônica Maciel. **A sala de aula no século XIX: disciplina, controle, organização**. In: *Conjectura*, v. 17, n. 2. p. 37-54. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1649/1025> . Acesso em 18 jun. 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Ed. Parábola. 2008. p. 49-55.

BRASIL. Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm).

BURGET, Paulo de Holanda. **O grito: a fragilidade da autoridade em sala de aula**. Bahia: UFBA, 2011. Disponível em: <http://petpedagogia.blogspot.com.br/2011/06/o-grito-fragilidade-da-autoridade-em.html> > . Acesso em: 20 out. 2014.

CARVALHO, Marlene. "**Alfabetizar e letrar** - um diálogo entre a teoria e a prática". Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 2005.

CHIARI, Luciene Cristina. **Alfabetização: um processo de leitura e escrita**. Minas Gerais. s.d. Disponível em: [http://www.ufscar.br/~crepa/crepa/formacao/ALFABETIZACAO\\_UM\\_PROCESSO\\_DE\\_LEITURA\\_E\\_ESCRITA.doc](http://www.ufscar.br/~crepa/crepa/formacao/ALFABETIZACAO_UM_PROCESSO_DE_LEITURA_E_ESCRITA.doc) > . Acesso em 10 mai. 2014.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educação, escola e docência**. Novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Ed. Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pensatas pedagógicas**. Nós e a escola: agonias e alegrias. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014.

CUNHA, Myrtes Dias. Subjetividade e constituição de professores. In: GONZALEZ REY, F. (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005. p. 191-212.

D'ELBOUX, Yannik. **O poder de influência do professor**. 2013. Disponível em: <http://www.professoresnobrasil.com.br/materias.asp?CODIGO=1054> > . Acesso em: 13 out 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa** - 8 ed. - Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKI, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: ArtMed. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Escolhendo o percurso metodológico**. In. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Alínia: 2012. p. 63-74.

HYPOLITTO, Dinéia. **O professor como profissional reflexivo**. São Paulo: PUC. 1999. p. 204-205.

LAPO, Flavinês Rebolo. BUENO, Belmira Oliveira. **Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério** in Cadernos de pesquisa nº118. São Paulo: USP. 2003. p.65-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16830.pdf> . Acesso em: 16 nov. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização** - 10 ed. São Paulo : Cortez, 2010.

MONTEIRO, Helena Rego. **Construindo saúde: a dimensão coletiva do sofrimento docente**. Edição especial: saúde do professor em questão. TV Escola: 2008. Disponível em: <http://salto.acerp.org.br/fotos/salto/series/182457Saudeprof.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2014.

MORAIS, Georgyanna Andréa Silva. **Alfabetização na perspectiva do letramento: um estudo etnográfico**. Piauí: UFPI. 2009. Disponível em: <  
[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:39vELhK9MJ:www.ufpi.br/subsite/Files/ppged/arquivos/files/Dissertacao\\_Georgyanna.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:39vELhK9MJ:www.ufpi.br/subsite/Files/ppged/arquivos/files/Dissertacao_Georgyanna.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> . Acesso em 27 set 2014.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é e como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MULLER, Luiza de Souza. **A interação professor-aluno no processo educativo**. 2002. p. 276 -280. Disponível em:  
<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0uoG9NUUCKoJ:www.usjt.br/proex/arquivos/produtos\\_academicos/276\\_31.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0uoG9NUUCKoJ:www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> . Acesso em 26 set. 2014.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades**. São Paulo: 1996. Disponível em: < <http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf> > . Acesso em 19 out 2013.

NOVAIS, Elaine Lopes. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?**. Linguagem & Ensino, Vol. 7, No. 1. Rio de Janeiro: 2004. p. 15-51.

PADILHA, Paulo Roberto. **O "circulo de cultura" na perspectiva da intertransculturalidade**. s.d. p. 1-7. Disponível em:  
<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tWeUWWLU-tYJ:siteantigo.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000135/O\\_Circulo\\_de\\_Cultura\\_na\\_persepctiva\\_intertranscultural.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tWeUWWLU-tYJ:siteantigo.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000135/O_Circulo_de_Cultura_na_persepctiva_intertranscultural.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> . Acesso em: 17 nov. 2014.



PILETTI, Nelson. ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Ed. Contexto, 2013. p. 81-99.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. De alfabetização a letramento: afinal, o que há nessa guinada?. *In*: RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. (Org.). **Formação para o letramento**: contextos, práticas e atores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. p. 15-25.

RIBEIRO, Maria Izabel Souza. **A interação no cotidiano da sala de aula como mediação do envolvimento/implicação dos alunos nas atividades curriculares**: um estudo em educação infantil. Salvador: UFBA. 2001. p. 66-75.

RIBEIRO, Camila. **Livro didático: rumo a novos letramentos**. Paraná: 2013. Disponível em: <http://despactando.blogspot.com.br/2013/06/livro-didatico-rumo-novos-letramentos.html>. Acesso em: 30 out 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**. Um tema em três gêneros. 4 ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. Entrevista dada a: Escola Cida da Alvorada. s.d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-YP-716oAZM>> . Acesso em 14 jun. 2013.

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. *In*. **Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro: 2012. p. 162-187. Disponível em: <http://metaavaliacao.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/138/pdf>. Acesso em: 30 out. 2014.

VERDINI, Antonia de Sousa. "**A sala de aula como espaço de leitura significativa**". Programa Salto para o futuro - TV ESCOLA. s.d. Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br/index.php?leia=texto&id=34>> . Acesso em 19 jun. 2014.

VIGOTISKI, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, Max. A ciência como vocação. *In*. **Ciência e política - duas vocações**. São Paulo: Pensamento-cultrix. 2006. p. 38-40.

WESSELING, Patricia Brito C.; LACHMANN, Thomas. Leitura dialógica e suas influências. *In*. **Livro de atas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía**. Espanha: UDC, 2011. p.3225- 3230. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Z3q0GZ7mStQJ:www.sowi.uni-kl.de/fileadmin/frueh/publications/castilho\\_lachmann\\_2011.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Z3q0GZ7mStQJ:www.sowi.uni-kl.de/fileadmin/frueh/publications/castilho_lachmann_2011.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br) . Acesso em: 03 nov. 2014.

## ANEXOS

Anexo 1: espaço físico da sala



Anexo 2: Atividade explorando medidas e grandezas e gênero textual diferenciado (receita)






## Anexo 3 - Exemplo de atividade de matemática

ALUNO(A): \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

VAMOS COLOCAR OS NÚMEROS QUE ESTÃO NOS BALÕES NA ORDEM CERTA?



- Ligar o numeral ao número de letras.

AA  
 EEE  
 I  
 OOOO

4  
 1  
 3  
 2

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

A oportunidade de cursar o Ensino Superior em uma Universidade pública será um diferencial na minha carreira profissional. Não por me considerar melhor que pessoas que estudam no ensino privado, pois conheço profissionais que me servem de referência que trilharam esse caminho. Porém, a Universidade de Brasília me abriu um leque de opções para o futuro. Primeiramente conheci as diferentes áreas de atuação do Pedagogo no mercado de trabalho. Posterior a isso reafirmei meu gosto pelos estudos, e não pretendo parar. Gostaria de fazer uma segunda graduação em Psicologia, concomitante com um trabalho docente na escola, para que ganhe experiência profissional e me aproprie de fato das teorias, e um curso de inglês, aumentando minhas chances de ingressar no mestrado para que continue pesquisando sobre este assunto que tanto me interessa, o letramento.